

RRJ

Domingo 9/abr/2006

Já faz mais de três anos. Quando é que vão me perdoar por eu ter sido violado?

Quando é que gente como eu vai ter direitos? A única coisa que pode me dar alguma segurança é eu ter centenas de amigos a quem eu possa recorrer se acontecer de novo.

A minha praga ainda não funcionou.

“Um dia alguém vai quebrar o nariz da Aline com um soco - e esse alguém não vai ser eu.”

E os meus pesadelos continuam.

As pessoas dizem, ou diziam: “vai passar”. Era pra eles terem passado há anos.

Hoje na feira um cara - um feirante - tinha dado uma chave de braço numa mulher e estava levando-a pra fora da feira. Não entendi se ela era ladra, se ela tinha um caso com ele, ambos, ou o quê. Numa hora ela até gritou “ai, ai, ai, meu braço, tá me machucando”. Mas sou falso e inadequado e ela não tentou de novo. Ainda bem.

Eu pensei: eu não tenho mais o menor interesse pelos direitos das mulheres. Eu não vou mexer uma palha.

Eu fui super claro a respeito de como eu funcionava: sexo pra mim é um ninho de serpentes. Transar com alguém é mexer em medos, expectativas, inseguranças, rejeições, paranóias - e numa disciplina de anos pra tirar sexo da minha lista de prioridades e redirecionar a energia para outras coisas.

Eu já tinha transado com duas pessoas e não queria transar com uma terceira se não fosse algo muito especial. O meu neurônio do sexo fica longe do meu neurônio do prazer e muito perto do neurônio do medo: “sexofobia”. E a Aline dizia que entendia.

Durante um ano depois dessa história eu não consegui olhar direito nos olhos de ninguém. A gente sempre aprende com qualquer relação, dizem. Eu aprendi que qualquer pessoa podia ser uma Aline.

Espera-se que eu seja feliz, que eu me envolva com outras pessoas, que esqueça isso e supere. Será que alguém poderia me mostrar o caminho? Será que alguém poderia se aproximar e me guiar pela mão?

Pouca gente hoje em dia sabe lidar com quem tem medo. E as pessoas não ficam à vontade com quem tem segredos engasgados.

Terça 28/mar/2006

Quando ele nasceu ele era considerado humano; depois passou. Foi abatido aos 12.

Volta e meia eu caio no meio de grupos de defensores dos direitos dos animais, e a ingenuidade deles me irrita. É que o nosso público-alvo é diferente: eles ficam chocados com o absurdo que são os abatedouros, vaquejadas e laboratórios de testes em animais, e eles querem atingir as pessoas que nunca nem pensaram que os animais sofrem como nós. Porra, meu pai passou por campo de concentração, minha melhor amiga já esteve em hospício, já vi policiais surrando pessoas na rua, e já me senti o negro e o louco da minha faculdade; pra mim essas coisas - crueldade contra o “outro”, o que não é humano, o que não é um de nós - são cotidianas, são o ar que eu respiro há anos.

Estou cansado de dizer que as pessoas que são cruéis com quem elas não consideram humano são “monstros”; não, se treinar para desumanizar certos seres e tratá-los como objetos é um processo humano demais, eu reconheço ele em mim - tem que ser possível dialogar de igual para igual com essas pessoas, tem que ser possível usar esse processo conscientemente e escolher quem vai ser tratado como coisa -

Temos muitos inimigos muito muito grandes e nos contentamos em bater nos mais fracos.

Sexta 17/mar/2006

As minhas pessoas favoritas têm muito pouco e aguentam firme enquanto suas famílias as chamam de parasitas.

Lady Liberty, lend a hand to me

There, the eyes are Sunlight on a broken column

Quinta 16/mar/2006

Rimbaud 0: Missão Abissínia -

escrevi isso pouco depois de voltar do Canadá, e mostrei pra muito pouca gente. Tá na hora de fazer esse texto ficar um pouco menos secreto.

Quarta 15/mar/2006

Acho que vou conseguir uma transferência para Campinas ou São Paulo.

“Você não vai sentir falta da praia?”

Hm, qual foi a última vez em que eu fiquei sem camisa em algum lugar público ou com pessoas amigas por mais de uns poucos segundos?

Eu não lembro, mas deve fazer mais ou menos um ano.

“Mas as mulheres do Rio são tão bonitas.”

Eu tenho paranóias recorrentes com a Cláudia revoltada por eu me manter esculhambado e descabelado e “feio” (na verdade esse “feio” era porque eu me punha à margem e agia defensivamente como se eu fosse um proscrito, e aí eu ignorava de propósito muitos dos códigos de comportamento usuais. Um dia eu tenho que escrever sobre isso). Ah, e a Aline, que no início era gente boa, surtando cada vez mais porque eu não me maravilhava com seus peitos e curvas e vestidos.

Eu quero um lugar onde as pessoas se olhem nos olhos.

Eu quero voltar a passar o meu tempo livre nos guetos.

Eu quero me mudar pra Montreal quando eu crescer.

Segunda 13/mar/2006

- O seu pai morreu.

- Hm, agora só precisamos nos proteger do fantasma dele.

Domingo 12/mar/2006

Cláudia:

Você fez um estrago fudido - e depois, o que você fez pra tentar consertar? Pediu desculpas um pouquinho, tentou esquecer, me disse pra esquecer, me chamou de rancoroso -

Porra, eu tou cansado de viver numa cidade em que memórias e pessoas são tão descartáveis -

Eu queria é que ela reconhecesse que eu tenho algo tipo um coração, seja lá o que for isso (e a palavra soa brega, então eu evito) - que eu tenho feridas demais doendo há tempo demais, e admito que isso é uma merda - mas eu faço um esforço louco pra lidar com isso do modo mais honesto possível, e tento ter mil coisas boas pra compensar

Sexta 10/mar/2006

Eu tou cansado de lembrar que 90% da cabeça dele me acham um idiota e um fresco (e são exatamente os 90% que ele não controla) e que ele só tem orgulho do meu diploma de Doutorado, pro qual eu nem ligo muito - o que eu queria era que ele entendesse que ele me educou de um jeito super duro e que eu aprendi a responder essa dureza sendo duro também - eu queria pelo menos o olhar surpreso e respeitoso que a gente imagina que um mestre espadachim faça quando luta com um aluno e vê que ele chegou ao seu nível, mas não, o meu pai só me vê como um monstro grosso e insensível

Terça 7/mar/2006

Tem uma cena que se repete no final do "Les Maîtres du Temps" em que o garoto é atacado por insetos gigantes que ficam picando a cabeça dele -
Pra mim essa cena é alguém sendo atacado por pensamentos.
Eu lembro dela várias vezes por dia.

Comprei de novo uma caixa de Minerva Brisa (sabão em pó). Eu gosto do cheiro dele, acho que ele limpa bem, mas não gosto muito da sensação nas roupas depois, pelo menos quando elas estão molhadas - acho que são as bolinhas de silicone.

encolhido feito uma bolinha
com as mãos nos ouvidos
gritando em silêncio

Domingo 26/fev/2006

Hello Ms. Carnivore!
Your love juices stink too much.
Sorry!
Bye.

Terça 24/jan/2006 (?)

Eu estou cansado de fingir que daqui a pouco vai estar tudo bem porque eu vou ter esquecido a minha raiva

(Daqui a pouco de novo as pessoas em torno de você não vão existir, só vão existir o noticiário e os judeus)

E você vai ser grosso com as pessoas em torno de você porque você não tem o menor contato com os sentimentos delas

(“Ah, desculpe, eu não percebi” - claro que não percebeu)

Terça 28/dec/2005

Ele chega de noite e eu me levanto maravilhado pra recebê-lo, e ele pergunta, “quais são as novidades?”, e, putz, não tenho novidade nenhuma exatamente porque eu passei o dia boba de felicidade e expectativa esperando que ele chegasse deitada na soleira da porta, agora tenho medo de que a minha falta de novidades seja sinal de que eu fiz tudo errado, se eu fosse mais casual eu teria tanta coisa pra contar, se eu fosse um cachorro a minha felicidade bastaria, mas eu não sou e ele me cobra novidades, malditas novidades.

Domingo 18/dec/2005

Ele se senta no sofá na frente da televisão e espera a morte chegar e a morte vem infinitamente devagar

Terça 6/dec/2005

1.

- “Deixa eu te ajudar”

- “Você não tem nada do que eu preciso”

2.

You are like a hurricane

There's calm in your eye

RRJ2

Sábado 20/mai/2006

Eu vi as pessoas dançando tão bonito umas com as outras no Democráticos e vi ela e ela se abraçando e se dando um beijo e dessa vez eu sorria, porque eu lembrava como era dançar com ele, como nós dançávamos tão devagar, e era porque nós éramos tão cuidadosos, porque entre meninos é tudo tão mais complicado -

Eu mordida os lábios. Poucas vezes eu fui tão bonito quanto quando eu dançava com ele.

Todo mundo nos olharia se nós estivéssemos ali; aliás, todo mundo nos olhava quando nós dançávamos - a graça era essa. Nós achávamos bobo ignorar as pessoas em torno de nós; e qualquer movimento mecânico ou falso faria as pessoas se distraírem e voltarem pro seu amargor habitual.

Não sei rotular a relação que há entre nós; outras pessoas se beijariam, ou até transariam, ao atingirem um centésimo da intimidade que eu e ele tínhamos quando dançávamos.

Hoje, pela primeira vez em muito tempo, eu me lembro dele, e me lembro, e me lembro, e sou tomado por saudades, e não censuro as minhas memórias.

Quinta 11/mai/2006

Eu devia ter telefonado quando vi que não ia mais dar tempo pra fazer a visita, ao invés de ter só mandado uma mensagem pelo celular. Mas naquela hora parecia que tudo era foda-se e tanto faz, e ao mesmo tempo era tudo igual e banal, eu tinha acabado de tomar um banho gelado porque a minha flatmate tinha sido utterly unhelpful mais uma vez, ela estava ocupada e quando eu fui pedir alguma dica pra conseguir acender o aquecedor sem ele fazer aquela coisa de explodir que ele fez das outras vezes ela deu uma explicação em duas ou três frases toscas nas quais evidentemente faltavam pedaços.

Um dia eu ainda vou saber pedir ajuda direito, e eu vou saber reclamar e cobrar ao invés de ficar só desistindo e caindo nesse loop mental de ficar tentando transformar tudo em palavras e historinhas.

Hoje de manhã o gato cinza da minha rua, que no início era bem meu amigo, estava fazendo coisas que eu não consegui entender.

Hoje de manhã, antes de eu sair e encontrar o gato, eu esperei a ligação do cara que parece que tem uma proposta de trabalho pra mim em Recife, e ele não ligou.

Ontem eu fui visitar os meus pais e vi que o meu pai está ainda mais chato, mais encurralado e mais patético. Ele foi super simpático comigo, me perguntou coisas, me mostrou coisas - e hoje eu estava vendo como é que a minha raiva dele continua intacta, apesar de que às vezes ela quase é contrabalançada por um pouco de pena. Eu volta e meia vejo que estou esperando ele morrer, e fico pensando se não é a hora de começar a dizer isso abertamente, pelo menos

pros amigos mais próximos - só que aí parece que eu viro um monstro, que não existem mais certos e errados, e que tudo foda-se e tudo tanto faz.

É que eu não tenho quase nenhuma lembrança boa dele. Mas há muitos anos eu me defendo tanto dele que parece que não sobra nenhuma brecha por onde ele possa fazer algo de bom - o máximo que acontece é às vezes ele ser menos desagradável.

Ou seja, sob um certo ponto de vista é tudo culpa minha. Que lindo, que legal, que divertido - né? Mas eu já estou acostumado.

Alguns amigos dos meus pais me arranjaram uns contatos de trabalho, tipo mande currículo para o fulano de tal. Fico pensando o que eles fariam se eles descobrissem o que eu sinto por ele. Acho que é por isso que eu fico tão surpreso quando eles me ajudam.

Quarta, 3/mai/2006

Reunião sobre realocação.

Devo poder continuar trabalhando na mesma empresa, mas numa outra posição, mais técnica, usando menos linguagens (só C e SQL), tendo que lidar com os mesmos bugs do Windows, tendo que ir pra Barra, com o mesmo horário (8 horas por dia), e ganhando a mesma coisa.

Hay for the horses

Sábado, 29/abr/2006

Um dia eu estava lendo um livro nas mesinhas do Espaço Unibanco e três garotos de terno vieram fazer uma “intervenção poética” (uma “intervenção patética”, na verdade) lá no hall do cinema e nos empurrar seus livrinhos... eu fiquei tão irritado que eu escrevi **isso aqui**, que infelizmente por causa da divisão em linhas pode parecer poesia...

Porque poesia é tão bonito. Porque o poeta. Pra comer muitas mulheres. Oh yeah.

(Ei, menino de terno)

Quarta 19/abr/2006

(Sobre terça 18/abr/2006)

Fiquei conversando com um cara - uma anabranquete - na Oficina da Semente. Puta que pariu, que coisa irritante - aquele discurso de que o conhecimento já está todo dentro de você, você não precisa de nada externo, de que não-sei-quê e não-sei-que-lá “não existem” (o bem? a verdade? a felicidade?), citações ao “What the bleep do we know?” e à Física Quântica...

Um exemplo marcante que ele deu: que na família dele todo mundo bebia um copinho de cachaça todo dia e ninguém sabia como era viver sem isso; e agora que ele experimentou viver sem cachaça ele não quer nem mais fazer contato de novo com a versão antiga dele, que funcionava na mesma sintonia que a desses caras.

Eu posso não estar querendo beber cachaça agora, mas eu quero muito conseguir me comunicar com esses parentes que bebem na historinha que o cara contou: eles têm uma percepção diferente da minha.

Eu quero tudo, e quero ter contato com todas as minhas partes, boas e ruins.

O pior de tudo isto foi o cara falando que o objetivo da Arte é o momento da criação e só, e que a idéia de comunicação com outros é balela. Tá, anabranquete, fica aí com a sua cabeça transcendental e com o êxtase das comidinhas. Eu sou diferente, e eu tenho horror a pessoas que não têm interesse por livros, idéias, modos de pensar diferentes e obras de arte.

E aí ele vai ficar me olhando com aquele olhar superior. Com que cara eu gostaria de olhar pra ele de volta?

Eu olhava nos olhos dele e era tão óbvio pra mim porque é que ele tinha entradas enormes e aqueles tufo de cabelo pro lado e pra cima: excesso de um determinado tipo de pensamento. Agora eu quero desintoxicar daquilo.

Segunda 17/abr/2006

Aula de Aéreos que não teve. Almocei na Oficina da Semente e acabei ajudando os caras num evento no Jardim Botânico.

Sexta 14/abr/2006

Lutando contra a depressão sem saber direito porquê e sem saber o que eu vou encontrar do outro lado.

Quinta 13/abr/2006

It is lonely up here
It is so sad down there
Come, join me
Says the suicide
And she's so right

Quarta 12/abr/2006

Encontrei o Meleca na rua.

RRJ3

Sábado 30/dec/2006

Andou acontecendo de novo. Agora está mais fraco, mas durante mais ou menos uma semana foi bem forte. Eu começava a pensar em como seria o meu próximo trabalho careta e logo me vinham as imagens dos dois sociopatas do grupo de programadores em C -

“Sociopatas” ou “engenheiros”? Não sei - quando eu era criança e eu descobri a palavra “sociopata” eu pensei “uau, é isso que eu quero ser quando eu crescer” - e todos os estudantes de engenharia que eu conheci eram que nem aquele Raphael do grupo de C, ou pelo menos meio que nem ele - o outro sociopata em nunca cheguei a conhecer direito e nunca soube o nome dele, mas em teoria eu teria que trabalhar junto com ele também...

Foi ouvindo as histórias deles que eu entendi porque as boates hetero - em que eu nunca vou - cobram tão caro a entrada: é porque de vez em quando caras como esses vão lá e quebram tudo. E depois eles ficam contando as histórias e rindo, rindo - “Aí, mermão! Aí, mermão!”

and he had a job
and he brought home the bacon so
no one knew
he was a mongoloid, mongoloid
happier than you and me

E uma das coisas que mais dóem é pensar que um cara desses é um ótimo profissional, muito melhor que eu (aspas em algum lugar - onde?) - o chefe manda fazer alguma coisa e o cara faz; não importa se fica mal-feito ou ilegível, ele faz. E todo mundo reconhece quanto esforço é necessário pra se fazer um programa ilegível de 5000 linhas como os dele, e pra ele fazer remendos no programa depois; pouca gente reconhece o esforço necessário pra um hippie como eu fazer um programa de 500 linhas, limpo e legível, que resolve o mesmo problema que o do cara... ah, o meu é bem mais fácil de consertar e de estender que o do cara, mes eu levo o mesmo tempo pra ter uma primeira versão rodando que ele, e eu só consigo ter pique pra fazer o que eu faço porque ao invés de eu passar os meus horários de almoço puxando a cara num sorriso, comendo uma gosma qualquer e falando sobre carros e bundas de mulheres eu passava os meus horários de almoço sozinho, indo em algum dos pouquíssimos lugares daquela merda de Barra da Tijuca que tinha opções vegetarianas, e lendo Jean Genet ou Virginia Woolf.

Uma vez eu pedi pra esse Raphael pra ele converter pra um certo formato uns documentos on-line que a gente tinha sobre um projeto que ia ficar sob minha responsabilidade; os originais estavam num formato que só podia ser lido direito em Windows (“aí, mermão, pra mim esse negócio de Software Livre é babaquice, isso não devia existir, eu não dou de graça os programas que eu faço de jeito nenhum, esse negócio de compartilhar é coisa de viado, e esse pessoal devia parar com essas frescuras de ficar usando sistemas diferentes e

fazer tudo em Windows de uma vez”) - aí eu fui tentar mostrar pra ele como é que eu usava esse outro formato e ele não quis ir ver no meu computador de jeito nenhum (“não preciso ver, eu conheço esse formato”), e eu tive que tentar fazer ele levantar puxando ele pelo crachá - lá os crachás ficam numas cordinhas no pescoço da gente - mas ele não quis levantar, acho que eu devia ter torcido mais (que será que teria acontecido se eu tivesse apertado até ele mudar de cor? Nananana, Raphael, sorria, é brincadeira, pára de frescura, claro que você está gostando, sorria - cada um tem um jeito de brincar, cadê o sorriso? Vem cá, baby) - mas parece que mesmo o pouquinho que eu fiz já pegou meio mal. Bom, whatever - não me arrependo.

Desde que eu tenho 14 ou 15 anos que eu não apanho por ser esquisitão ou por os caras acharem que eu sou viado - mas é como se isso fosse uma possibilidade permanente.

Sexofóbicos não apanham. São chamados de malucos, excluídos, discriminados, descartados - e só. Não é preciso empurrá-los pra baixo na hierarquia (como a gente empurra alguém pra baixo da água numa piscina) - eles já estão fora da hierarquia de qualquer modo.

Essa macheza desses Raphaéis é social - eles estão o tempo todo fazendo coisas para serem aceitos pelas pessoas do grupo deles, que pra eles é como se fosse o único grupo que existe e que importa. O “aí, mermão”; o “isso é coisa de viado” - o que acontece se há alguma reviravolta e eles passam a ser considerados viados, ou malucos (mesmo, de hospício), ou losers? É algo inconcebível pra eles - é uma espécie de morte -

O grupo deles massacra viados e nerdzinhos frágeis - “gente inferior”.

Eu não sou um nerdzinho frágil - eu caí fora desses grupos há muito tempo - eu morri - e doeu, muito (it’s an open wound that never heals, etc).

Algumas das minhas referências: junkies de psicodélicos, xamãs mendigos, Lobo Solitário, Sandman, terroristas suicidas -

Das vezes em que eu esganei alguém nos últimos anos era sempre eu sozinho contra a pessoa que eu esganava. Eu não contava com ninguém do meu lado, mas eu prestava atenção a todas as pessoas em torno, eu estabelecia uma comunicação com elas, e aí elas não me atacavam em grupo como se eu fosse o invasor, o “ele” (versus o “nós”) - elas não conseguiam me transformar num “ele”, numa coisa -

Os homens - os Raphaéis, mas esses é que são os homens homens de verdade - formam máfias - eles acobertam as escrotices e burrices uns dos outros - esse Raphael, por exemplo, trai a mulher pra cacete -

Covardes

Quando passaram “O Triunfo da Vontade” da Leni Riefenstahl e eu vi aquelas cenas da Convenção de Nuremberg, centenas de milhares de jovens em formação perfeita ouvindo os discursos de Hitler, aí é que eu entendi direito como deve ser bom pra caralho fazer parte de um grupo, ou melhor, do “todo mundo” - mas eu nunca consegui. Por um lado eu tentava, e sempre dava errado; faltava algum clic, faltava a naturalidade que aqueles caras tinham - volta e meia

alguma coisa me puxava pra fora da situação em que eu estava, *zuuuuuum*, e num instante eu passava a ser um observador, e eu estranhava aquela situação e aqueles papéis, como é que aquelas pessoas podiam ter tanta convicção daquilo? Aquilo era raso e falso, como histórias escritas por idiotas, como música ruim - e aí eles percebiam o meu estranhamento e me estranhavam também -

Por outro lado, quando era criança a coisa que eu tinha mais medo era quando eu crescesse eu virar uma pessoa medíocre (é, com esses termos mesmo - depois é que eu passei a usar outros). Quase todas as pessoas em torno de mim eram “medíocres”, e eu os via como mortos-vivos.

(Acho que se eu fosse uma criança feliz eu não pensaria desse modo. Mas eu achava que a única coisa que compensaria a vida que eu levava, e que faria tudo valer a pena, seria algo muito especial no futuro).

Aos 17 anos, depois de uma tentativa de suicídio frustrada, eu me arrastava. O único futuro que eu via pra mim era eu virar um vegetal num manicômio. Continuo achando um absurdo terem me mantido vivo; quem chega a um ponto como o em que eu estava não se recupera. Os deuses ainda vão me pagar por tudo isso - mas isso é outro assunto.

Eu tomei precauções pra que eu não pudesse virar um dos “medíocres”, um dos mortos-vivos. Eu criei anticorpos. Eu queimei as pontes.

Alguns dos meus amigos matemáticos na faculdade tinham amigos estudantes de engenharia; eu não entendia como.

Se a gente vê um bicho que come grama e outro que come pequenos roedores a gente diz: são espécies diferentes. Eu olhava pros estudantes de engenharia e pensava: eu não consigo nem entender como é que alguém gosta das coisas que esses caras gostam, não consigo nem me pôr no lugar deles. A bioquímica emocional deles é o oposto da minha.

Eles gostavam de poder, coisas, mentiras, diversão, cerveja, galinhagem, trophy girls, de se sacanearem mutuamente, de tiraram onda, de serem espertos, de competirem, e de pisarem em losers.

Então: andou acontecendo de novo. Durante uma semana as imagens ficaram me vindo dezenas de vezes por dia - por exemplo, eu cortando as falanges da ponta dos dedos da mão do Raphael com um alicatão (“sorria, Raphael, sorria”) -

Quase todos os homens são meus inimigos.

Era pra eu sentir alívio por eu não ser como eles - mas é mais fácil a gente se lembrar das coisas que incomodam, e da mesma forma que eu às vezes sou atacado por esses surtos de crueldade (que, óbvio, ficam só dentro da minha cabeça, como uma bad trip), eu às vezes sou atacado por crises de inveja e raiva - eu sei que eu não teria como ser como eles, mas eu fico olhando pra essas pessoas “normais” como um garoto diabético olhando pros outros garotos tomando sorvete.

Acho que esses flashes de crueldade - e mil outras coisas que eu detesto - têm a ver com hormônios.

(Aliás eu comecei a ficar vegetariano - em 2001 - pra tentar controlar essas crises. Funcionou bastante, mas isso é outra história).

Há anos que eu penso em experimentar Androcur pra ver o que acontece - mas eu queria experimentar o Androcur sem tomar antidepressivos junto, e dizem que aí o efeito pode ser devastador, e eu ainda não tenho estrutura pra isso. Estou há anos sempre deixando isso pra depois, e me preparando mais e mais.

Se funcionasse eu poderia consolidar o efeito com uma orquiectomia... eu teria que ficar tomando doses pequenas de hormônios de tempos em tempos pra não ficar totalmente sem hormônios, e eu odeio alopátia, mas seria um pequeno preço a se pagar. E aí depois da orquiectomia eu poderia conseguir uma penectomia...

Mas essas coisas me fechariam portas para trabalhos caretas, e eu já tive um pouco de acesso a caminhos mais sutis pra equilibrar essa bagunça toda. Nada disso tudo pode ser feito apressadamente - mas se os pensamentos ficam vindo é melhor lidar com eles do modo mais honesto possível.

Sexta 24/nov/2006

São Paulo, 18/nov/2006: de repente eu descobri que todas as outras quatro pessoas na mesa comigo - pessoas envolvidas com Software Livre, mas paulistas - eram ferrenhamente anti-Lula, e elas falavam como se qualquer pessoa minimamente razoável fosse ser anti-Lula também.

Aí eu confessei timidamente que eu votei no Lula duas vezes, que eu gosto dele, que eu acho que ele fez um governo centenas de vezes melhor do que eu achei que seria possível fazer, que ele pegou um país destruído, que pela estrutura do governo qualquer um que chegasse à posição dele se corromperia bem mais do que ele se corrompeu, que eu achava que ele seria destruído pela mídia em poucos meses e isso não aconteceu, etc...

(Marta: eu me lembro daquela época em que o “A Sociedade do Espetáculo” sempre pipocava nas nossas conversas, e aos poucos o livro começou a ser citado em artigos em jornais, e nós ficávamos revoltados porque os artigos sempre eram escritos por gente com uma compreensão do livro infinitamente mais superficial que a nossa...)

As pessoas na mesa falaram que governos e empresas eram igualmente corruptos e daninhos mas que as empresas funcionavam melhor, que a telefonia antes e depois, etc -

Acontece que eu não quero saber se celular vai funcionar melhor ou pior, se carro isso ou aquilo, o que me importa é se os meus sobrinhos vão conseguir estudar direito em colégios públicos, o quanto as pessoas em torno de mim vão ter que pagar em planos de saúde, o que elas podem conseguir depois de horas nas filas do INPS, e me importa saber como é a vida das pessoas das favelas, com quem afinal a gente aqui no Rio convive tanto... fodam-se os fucking winners

e seus celulares (se bem que todo mundo tem celular hoje em dia), o que me importa é o próximo assalto, e que tantas pessoas estão deprimidas e sem saída, umas estão tomando bolinhas, outras não, e que a Marta se matou em novembro de 2004.

(Em sonhos nós éramos como os amigos do Guy Débord, terroristas que iam sendo inexoravelmente localizados e abatidos quase sem estardalhaço. Mas nosso interesse por macropolítica era quase zero, já que macropolítica é feita quase só de vícios de pensamento e de ruído, então na vida real nós eramos só aqueles malucos incompetentes vivendo nas bordas da sociedade, deixados pra morrer por si sós.)

Quinta 23/nov/2006

Eu não deixaria qualquer um me furar, eu não transaria com qualquer pessoa, e são pouquíssimas as pessoas que eu gostaria de ter ao meu lado se a gente comesse bolo de maconha ou tomasse um ácido (nossa, há quanto tempo eu não faço nenhuma dessas coisas - muitos meses, alguns anos, dez anos)

É fácil usar o safeword e dizer “pára, não põe mais uma agulha”. Drogas são muito mais sérias - uma vez que a gente tomou, tenham batido ou não, não dá pra reverter até tudo passar - mas as poucas pessoas que interessam sabem disso muito bem.

Onde é que estão as pessoas pra quem a gente pode dizer “essa história de sexo não está funcionando, vamos tentar usar a energia pra outras coisas”?

Eu estou tentando me livrar de um “fantasma”: uma cena que se repete - que eu me envolvo com alguém e daqui a pouco essa pessoa me massacra ou me troca por outra, porque pra ela sexo é uma coisa física e simples e boa e pra mim não é -

Eu fico sem saber se eu devo tentar esquecer isso e tirar a energia desse pensamento ou se eu devo pensar mais sobre isso até conseguir definir mais ou menos bem com palavras como essas coisas são pra mim.

No Canadá eu podia dormir com meus amigos e amigas (com amigos é mais difícil; só quase aconteceu, mas não chegou a acontecer mesmo), mas aqui as coisas são diferentes... Uma vez uma amiga minha daqui me disse uma coisa que me deixou horrorizado: essa amiga minha, A, estava namorando B mas brigou com ele; aí ela saiu com C e B ficou com muito ciúme. Como assim, eu perguntei, e acabei descobrindo que “sair com” quer dizer “trepar” - assustador isso, porque pra mim “dormir com” quer dizer “dormir com”, e eu fico até com medo de lembrar do que “dormir junto” quer dizer pras pessoas normais daqui... aliás, foi numa dessas que a Aline me agarrou e me comeu - e depois ficou se esquivando e tirando onda e me manipulando - e isso acabou virando a pior coisa que já me aconteceu, pior do que eu ser filho do meu pai, pior do que a minha adolescência, pior do que eu ter sobrevivido à minha tentativa de suicídio quando eu tinha 17 anos, que na época era a minha única esperança.

Segunda 20/nov/2006

Aconteceu com um amigo meu:

- Tá tudo bem?
- Não, tá tudo péssimo!
- Ah, mas não pode ser assim não! A gente tem que dizer que as coisas estão bem.
- Então tá tudo bem.
- Então tá bom. Muita força pra você, qualquer coisa me liga.

Sábado 4/nov/2006

Da última vez que eu encontrei a pessoa X (terça, 23/outubro, por acidente, depois de um seminário na UFF; o domingo que eu fiquei doente foi dia 15/out) a gente conversou um bocado, e ela ficou tentando pôr as coisas em termos de atração física e definição sexual -

Cada vez eu tenho mais raiva disso. Desde pequeno eu acho que a gente deveria tentar não discriminar pessoas só por detalhes físicos etc etc - ah, mas depois eu fiquei tentando pensar nesses termos da pessoa X, nem que fosse só pra eu ter uma resposta pras próximas vezes em que as pessoas em torno de mim começassem a conversar sobre essas coisas (esse tipo de conversa me irrita e me frustra, quando elas acontecem eu desligo) -

Que tipo de coisa eu gosto numa transa: o espírito de “na hora a gente vê”. Algo que eu detesto e que me aterroriza: pessoas que separam o físico do resto.

Quinta 2/nov/2006

De *Diane Arbus - A Biography*, pp.243-244:

Diane would also show her contacts to Walter Silver, a documentary photographer who lived near her in the West Village. Diane liked his work and he liked hers. “We’d compare prints,” Silver says, and then sometimes Diane would have coffee with him at the Limelight, where many photographers still hung out - photographers like Weegee, Robert Frank, and Louis Faurer. “We’d all sit together at a big table and Diane would sit with us,” Silver adds. “She’d never say a word - she’d just listen and then suddenly you’d look up and she’d be gone. She was the only woman who was ever in our little group.”

Which was her choice, of course, but some people got the feeling that Diane thought of photography as a man’s profession. “I remember,

though, that once I mentioned that women might be better photographers than men because women can inspire greater confidence,” John Putnam noted, “and Diane said, ‘Look, I’m a *photographer*, not a woman photographer.’”

As for making a great photograph, Diane believed men and women were equal, but she also knew that for many of her magazine assignments she was being paid half a man would be paid and this bothered her. Still, photographing for magazines was to only way to survive; all the photographers she respected did magazine work.

Insegurança e baixa auto-estima parecem ser território feminino - não, não é bem isso - tem vários modos de lidar com isso, muitos femininos, uns (poucos) masculinos

...em geral “downright losers”; as exceções a gente conta nos dedos de uma mão, acho, e são sempre muito impressionantes e caem fora dos padrões de gênero usuais. As que me vêm à cabeça agora (“fragilidade e lucidez ao mesmo tempo”): David Bowie no “Low”; os irmãos Reid no “Psychocandy”; Ney Matogrosso no Secos & Molhados; talvez o J. Mascis no Dinosaur Jr., principalmente no “Just Like Heaven” e no “Bug” -

Estou me expressando mal, mas depois eu tento de novo.

Ah - eu fiz essa conexão porque às vezes eu fico pensando que talvez eu esteja condenado a ganhar sempre metade do que os “homens” ganham - pelo menos se eu continuar aqui no Brasil. Parece que aqui competência não importa muito, pose e assertividade é que sim...

Terça 31/oct/2006

Dizem que pra gente viver como frila - e trabalhar em casa - a gente precisa de uma auto-disciplina monstro, e eu não sei se eu tenho - pelo menos não do jeito dos outros.

Quando essa minha história com a pessoa X estava no seu pior momento eu passei uma semana vivendo como um zumbi. Teve um domingo em que eu acordei muito zonzo e espirrando muito; eu tentei fazer algo de útil no computador e nada andava, aí eu resolvi interpretar isso como um sinal de que eu tinha que descansar e me joguei na cama. Das poucas vezes que eu acordei eu vi que eu mal tinha forças pra rolar um pouco pelo chão e alcançar alguma coisa (a minha cama é um futon, ela fica pouco acima do nível do chão), então no domingo inteiro eu mal passei seis horas sentado ou de pé... e depois disso eu tentei lembrar o que eu tinha feito nessa semana e não consegui - sei que eu não perdi nenhum compromisso, sei que na terça eu dei um seminário na UFF que foi bastante bom, sei que eu devo ter parecido bastante normal, e sei que algumas vezes eu me via conversando comigo mesmo sobre essa história com a pessoa X, e eu ria, porque era estranho e engraçado eu não saber se eu estava triste ou não, aliás, eu não saber como eu estava -

(Bob Dylan - Most of the Time)

Sei que durante essa semana em que eu fui um zumbi eu quase não tive energia pra mexer num programa que eu estou fazendo como frila, e isso me grila - os “profissionais” que eu conheço que trabalham em profissões caretas, quase todos - digamos, os que trabalhavam comigo na Barra - são cascas vazias sem nada dentro... e ainda por cima eu sempre me meto em coisas que exigem um bocado de conhecimento e dedicação, que não dá pra fazê-las banalmente -

De onde é que aqueles garotos nerds do trabalho da Barra tiravam energia pra fazer aqueles programas enormes, áridos, horríveis? De dinheiro, kart e putas? De ficarem rindo e se chamando de viados?

Domingo 29/oct/2006

Agora a Camila se mudou de volta pra cá, dessa vez com o namorado, que é super gente boa; a casa virou uma festa permanente, e esse domingo foi um entra-e-sai de convidados trazendo garrafas. Eles zanzavam entre o terraço - onde as pessoas estavam “trocando uma idéia”, whatever that means - e a cozinha.

A máquina de lavar vai embora na terça. A geladeira também, mas tem uma reserva (uma antiquíssima), e vai entrar uma nova no lugar da que sai.

Eu falei “...de volta pra cá”, mas eu não estou em casa, estou matando tempo na rua, tentando pôr as idéias no lugar e tentando lidar com uma coisa engasgada na garganta.

Acho que a minha Pepsi de 2L foi embora também - as pessoas da cozinha fizeram alguma menção a ela logo antes de eu sair de casa pra votar, e a Camila quer que as coisas da cozinha sejam de todo mundo. Isso é foda, porque eu sou vegetariano (com tendências vegans fortes) e ela é super carnívora e junk-foodívora. Ah, e eu tinha nojo das panelas que ela deixava em cima do fogão - a frigideira de ovo frito e a sanduicheira que eu nunca tive coragem de abrir - e daquelas cracas em torno das bocas do fogão que um dia, na época em que ela estava morando fora, eu levei meia hora com um bombril pra tirar 90% delas. O forno eu só abri uma vez, pra esquentar um treco, e nessa hora eu mantive a minha capacidade de abstração ligada no máximo, então eu não sei como ele estava.

O meu plano era usar a Pepsi pra virar a noite programando. Vou ter que ligar pra Camila pra saber o quanto sobrou e se eu preciso comprar outra.

A noção de sujeira das pessoas é diferente, né - eu aprendi isso no tempo em que eu morava com o Meleca, ele se preocupava com poluição e contaminação por metais pesados e nem reparava que toda vez que ele entrava na cozinha feito um bólido pra preparar alguma coisa voavam pedacinhos pra todo lado, e eles ficavam no chão. Isso me desesperava, eu costumava andar descalço em casa e o Meleca nessa época estava sempre com um pijama branco encardido e chinelos

de sola de sisal - e pressa, muita pressa, pra tentar disfarçar a depressão - então ele passava pela cozinha super rápido e sem atenção e logo voltava pro quarto dele pra fumar mais skank. Como eu não sabia o que fazer com isso eu passei a deixar as minhas havaianas perto da cozinha e eu só usava elas pra entrar lá.

A minha noção de sujeira e a do Tião são super compatíveis. Nesses tempos de Camila fora nós mantivemos a cozinha e o banheiro bem usáveis, mas a gente deixava a poeira no chão da sala (a “Sala da Camila”) no lugar até nos incomodar - tipo três semanas -, mas isso era uma brincadeira e um gesto de liberdade.

Sábado 28/oct/2006

Acabou. Aliás, já acabou há semanas, e cada vez que eu tento escrever sobre isso sai algo totalmente diferente.

A pessoa X acabou comigo porque ela descobriu que gosta de mulheres (e o meu corpo é masculino, né; do resto a pessoa X (diz que) não tem queixas, muito pelo contrário - melhor que a Cláudia, que acabou comigo porque queria um homem de verdade), e há meses atrás a pessoa X rechaçou uma amiga apaixonada por ela porque ela (X) gostava de homens.

Obs: claro que isso é a minha versão da história, e a minha versão já mudou várias vezes, e memórias são mais legais que fotografias porque fotografias ficam iguais com o tempo e memórias a gente pode distorcer à vontade... e as coisas que eu escrevi sobre isso antes eram ruins e chatas, e problemas têm que ser interessantes e divertidos, senão eles afastam as pessoas.

Quando eu era adolescente o meu cabelo era um Black Power gigantesco. Ele afastava algumas pessoas - quase sempre as pessoas de quem eu queria distância - e fazia outras pessoas (legais) se aproximarem.

Pessoas vestidas de problemas

Ouvindo: Furtwängler, 9^a de Beethoven, gravação de 1942 com a Filarmônica de Berlim.

Lendo: Diane Arbus - A Biography (Patricia Bosworth)

Terça 24/oct/2006

Má-formação congênita, problemas hormonais graves -

Eu tenho esse blog há quase um ano e ainda não consegui escrever nada sobre isso

Sexta 13/oct/2006

Ele me deu a mão pra eu cheirar e eu pensei: “será que ele andou caçando perto das bromélias?” - apesar do cheiro ser um pouco diferente -
Aí ele fez festinha em mim. Ele era fofo.

Me mostra o que você sabe fazer com luvas de látex e um balde de astroglyde.

Quinta 12/oct/2006

Idéia para um cartaz pra ser colado no poste na base da escadaria:

Qual é a função desses policiais da escadaria?

É tirarem dinheiro de gente inocente?

Eu estou cansado de ter medo e raiva toda vez que eu subo essa escada.

Quero ser “protegido” por gente decente.

(Que vergonha precisar de um cartaz anônimo pra dizer isto)

Quarta 9/aug/2006

Passei pela casa dos meus pais e vi os dois se desvanecendo juntos.

Às vezes eu penso, como seria bom se a guerra em que nós vivemos fosse mais explícita e as nossas velhices e mortes fossem mais dignas, interessantes e coloridas.

Eu queria o meu “Malone Morre” de volta. Será que eu o emprestei pra alguém - e anotei pra quem - na época em que eu me mudei pra um lugar menor e resolvi que os meus livros precisavam circular?

A Zedka tem um exemplar, de qualquer modo.

Antigamente o Beckett era só um escritor fodão e um Prêmio Nobel bem dado. De um ou dois anos pra cá eu tenho ouvido cada vez mais gente se referindo a ele como alguém fundamental, a oitava maravilha do mundo, que bom que nós temos Beckett. O que houve? Eu lembro de ter ficado muito perturbado por “Rockaby”, mas tenho lembranças vagas do resto (comprei vários livros dele numa viagem à França quando eu tinha 15 ou 16 anos), e nunca li o Godot direito.

Será que essas pessoas consideram que o Beckett encontrou uma chave pra entender o mundo de hoje?

No Congresso Vegetariano tinha algumas dessas pessoas de 80 e poucos anos super ágeis, super vitais, com vozes claras e sem vibrato. Elas atribuem a saúde delas à alimentação (são crudívoras, em geral), mas as pessoas da família delas dizem que não é possível, que é uma questão de genes.

É meio antipático a gente ficar dizendo pras pessoas passarem a comer coisas que elas não conseguem comer de jeito nenhum.

Acho que a grande questão é: porque é que algumas pessoas se dispõem a mudar de alimentação e a terem hábitos mais saudáveis (e a tomarem o controle das suas vidas nas suas próprias mãos) e outras não?

E a geladeira da minha mãe cheia de queijos e frios. E eu não posso fazer nada. Eu entendo as razões dela.

Domingo 6/aug/2006

Taxista filho da puta, quando eu perguntei na rodoviária se era táxi normal ele explicou com mumbling words e risadinhas de carioca gente boa que “brxs- tlpqtlhmqs 3 reais”, e eu achei que no máximo era 3 reais a mais em cima da bandeirada - aí chegando aqui defronte de casa ele fez uma conta mágica em cima da quilometragem e a corrida deu R\$29,70 ao invés de pouco mais de R\$15... eu fiquei horrorizado, reclamei, quis os meus R\$0,30 de troco (preu não ir dormir me sentindo tão roubado), o cara não tinha, e eu disse que então eu ia deixar as mochilas em casa e a gente descia e rodava até conseguir trocar uma nota de R\$10 e depois eu voltava a pé...

Aí eu acabei cedendo, deixando o cara com R\$30 mesmo, saindo do carro num puta mau humor e pensando em fazer o que eu pudesse - e que não desse muito trabalho - pra que nenhum conhecido meu nunca mais pegasse esses táxis de cooperativas que cobram quase o dobro dos táxis normais, mesmo sendo amarelinhos e iguais aos outros.

Tou escrevendo isso com um restinho de raiva - o meu default é esquecer e agir como se eu não tivesse direito nenhum - como se eu fosse ainda mais negro e não-consumidor do que eu sou.

Sábado 22/jul/2006

!!

Domingo 16/jul/2006

A Bianca disse “você vai no congresso vegetariano em São Paulo, né?!” meio como se fosse uma ordem, e eu adorei isso - em 5 minutos eu já tinha decidido que ia.

Ontem eu conversei bastante com a minha mãe - acho que está na hora dela ficar sabendo de algumas Coisas Muito Importantes, por mais que não façam sentido pra ela num primeiro momento (ou nunca), e por mais que durante anos ela tenha dito que preferia não saber - aliás, que “tinha o direito de não saber”. É hora de forçar a barra e desfazer bichos de sete cabeças.

Talvez tenha sido essa conversa com a minha mãe que me fez pensar uma determinada coisa quando a Bianca me falou do Congresso Vegetariano... Deixa eu transcrever um trecho de um e-mail que eu mandei em 24 de junho:

Eu 95 ou 96 eu caí no meio do Primeiro Seminário Nacional de Lésbicas (é sim - longa história) e lá eu aprendi MUITAS coisas muito importantes... numa das primeiras palestras que eu assisti a palestrante estava falando sobre como as lésbicas são invisíveis mesmo no meio do movimento feminista, elas participam pra caramba, carregam as coisas, fazem o trabalho pesado, dormem (e tarará etc etc) com as feministas, e aí quando elas se inscrevem pra falar nas plenárias alguma coisa acontece e o tempo sempre acaba antes da vez delas chegar. Bom, pra resumir muito, os gays que eu conhecia estavam falando sobre sexo e festa, os heteros como sempre falavam sobre mulher, política e futebol, e logo nos primeiros minutos da primeira palestra em que eu fui no seminário eu vi que as pessoas de lá estavam falando sobre visibilidade e auto-estima... Baraaaalho!

Bom, tudo isso pra contar que eu ando fazendo coisas loucas de vez em quando, cada vez mais, aliás, e com uma atitude de quem tem muito pouco pra perder e de quem já não tá mais ligando muito pra se vai ser entendido ou não, porque muita gente por aí resolveu não pensar e não entender e ficar só desprezando tudo, e não dá mais pra ficar esperando que essas pessoas me entendam e me respeitem, tá na hora de forçar umas barras. E as estratégias que funcionam quando a gente é uma minoria de um são muito diferentes das de quando a gente é parte de um grupo grande.

Eu tou com isso tudo muito presente na cabeça agora porque há duas semanas atrás eu quase esganei um garoto (20 anos) amigo de uns amigos meus que são vegetarianos militantes... ele passou horas descarregando uma raiva inexplicável em todas as direções, e quando ele falou que tinham que matar drogados, aleijados, débeis mentais, gays e todas as pessoas que fossem inúteis pra sociedade eu achei que eu não tinha nada que ficar me controlando e era melhor deixar as minhas raivas e rancores fluírem...

Lá no congresso vai ter muitos vegetarianos muito chatos, mas alguns gatêrimos. Lá vou eu, carregar coisas, fazer a minha melhor cara de roadie invisível, me divertir à beça e ver o que acontece.

Estou ficando incoerente com o meu próprio discurso reclamação - isso é ótimo.

Quinta 6/jul/2006

Eu vi ela cantando bem baixo uma música do “Pornography” do The Cure como quem entoava uma maldição

Sábado 17/jun/2006

Há vários anos atrás eu assisti uma exposição do Mestre Vitalino no CCCB. Os bonequinhos eram toscos mas muito expressivos, e muitos deles tinham sido emprestados por museus do Japão e da Alemanha. A exposição estava lotada. De repente eu me toquei que os personagens que eram retratados nas esculturas - barbeiros, dentistas, cavaleiros, famílias, noivos, criadores de animais, sempre coisas cotidianas assim - tinham se reconhecido nos bonequinhos, e tinham conversado com o Vitalino; alguma transformação estava acontecendo na vida daquelas pessoas e daquele lugar, parecia que antes era só aqui e agora, dia após dia, num lugar nenhum, e o máximo que as pessoas podiam ter eram memórias e histórias, e talvez algumas fotos - e de repente elas são algo mais, o que elas vivem também pode virar esculturas, não sei explicar - e não era um caso de artista solitário, como o que a gente costuma ver - tinha algo muito grande acontecendo ali. Aí eu tive um ataque de choro totalmente incontrolável no meio da exposição, e tive que ir correndo me esconder num canto - era uma época em que eu não chorava nunca, nem escondido.

Do meu caderno principal (o vermelho), escrito em 1987:

Aí o choro foi aumentando e eu soltei a voz e saiu uma voz grossa e feia e eu me calei outra vez.

Quinta 1º/jun/2006

Quando eu era pequeno eu fiz vários anos de psicoterapia com um cara que hoje em dia eu considero como um imbecil. Acho que não faz sentido omitir o nome dele, então lá vai: Mário Romaguera. Vai que algum dia alguém se dispõe a furar os pneus do carro dele, sei lá... antes tarde do que nunca.

Eu tinha alguns assuntos espinhosos que eu queria poder abordar na terapia, mas eu não conseguia falar deles diretamente - a gente não fala qualquer coisa pra qualquer um - então eu tentava dar deixas. Eu esperava que ele entendesse minimamente o que eu dizia e fizesse as perguntas certas.

Se eu percebesse que o que eu sentia era algo que ele conhecesse aí eu prosseguiria - aliás não é só que eu estivesse fazendo doce, também tem uma questão de linguagem... se a gente quer contar uma coisa X o modo de contar vai ser um quando a coisa é familiar pra pessoa com quem a gente está conversando, outro quando a coisa é totalmente nova mas a pessoa fica interessada, outro quando é nova e a pessoa fica meio horrorizada e meio defensiva, outro quando ela não entende de jeito nenhum... e o Mário, talvez por algum princípio profissional que ele provavelmente entendeu errado, era sempre casual e neutro, e é difícil a gente contar coisas que são super pesadas nessas condições - e mesmo assim durante anos eu tentei.

Eu só lembrei disso (e resolvi escrever algo sobre) porque me lembrei da imagem do labirinto. Podemos não ter grandes segredos, mas nem tudo o que temos está imediatamente à vista, se alguém quiser saber mais vai ter que andar dentro da gente um pouco, tentar vários caminhos,

(incompleto - na verdade eu ia começar daí e falar sobre relacionamentos)

RRJ4

Segunda 17/jul/2007

XVII.

As the master of the day

is Anna Xenia

the master of the night

is dread.

I position myself.

It fills up the room.

Pit-boys na van conversando sobre porrada. Amigos ganhando pouquíssimo como sempre. A cidade cheia de policiais por causa do Pan.

Hoje eu tive vergonha de mim mesmo, e raiva, e fiquei pensando sobre como essas coisas ficam voltando sempre, e como o maior motivo de eu tentar ser correto é ficar a salvo dos pesadelos.

Passei os últimos dias trabalhando bastante, e encontrando soluções simples e incríveis. Aí eu hoje fui comer no Beterraba, descabelado, com a pele ruim por causa de coisas que eu comi ontem, e com a barba por fazer. No caminho tinha espelhos, e quando eu me olhava no espelho era horrível, era como ver uma batalha perdida. Eu lembrava as pessoas em quem a polícia bate (ou mata e depois diz que era bandido), as pessoas que aguentam trabalhos horríveis - como aquele que eu tive perto da Praça XV, que pechinhou comigo de um modo pra lá de ofensivo e violava alegremente todos os acordos verbais.

Tem pessoas que quando eu vejo eu penso “que pessoa bonita”, exatamente do mesmo modo como eu acho cachorros e gatos bonitos e fascinantes - e se algum dia eu for me aproximar de alguma dessas pessoas eu vou dizer algo simpático e não-invasivo, pra elas não se assustarem. Mas tem outras pessoas bonitas que eu olho durante um instante e só tenho uma inveja que já é quase raiva. Parece que elas nunca saíram das torres de marfim, e sempre souberam que alguém cuidaria delas, mesmo se durante alguns períodos elas tivessem trabalhos-lixo que pagassem pouquíssimo; uma vez por semana elas iriam a festas e seriam vistas e admiradas e teriam valor.

Quando eu me olho no espelho eu vejo que eu tenho uma cara que pouca gente entende. Aliás, quando eu olho rápido quando eu estou muito esculhambado nem eu próprio entendo a minha cara. Eu pareço um caixote salvo de um naufrágio.

A minha mãe tem duas mães. Tem a minha Avó Estelionatária e tem uma outra, a “mãe boa”, que ela pode passar meses sem mencionar em conversas, mas que é uma das grandes referências dela (acho que é uma vergonha a gente ter uma mãe “de verdade” que dá golpe em todo mundo e a gente ter elegido uma mãe de criação que é uma criatura totalmente de fora das torres de marfim).

A mãe boa dela está morrendo. A outra ainda vai durar muito, e ela aproveita os momentos em que é tratada como pobre velhinha pra empurrar documentos falsificados.

Eu comecei a escrever um e-mail enorme pro Sebastião, mas ainda não consegui terminar. Era sobre imortalidade, principalmente. Eu andei ouvindo muito *Elastica* - o segundo disco e as *Peel Sessions* - e *Au Pairs*, e *Cat Power*, e lendo Henry Miller (*Trópico de Capricórnio*) e os diários da Anaïs Nin. A minha grande questão é o que fazer com a raiva, e com essa sensação de sermos tão descartáveis.

Quando eu vejo notícias sobre policiais mortos eu fico feliz e sorrio de orelha a orelha. Não tenho mais ouvido histórias sobre cabeças cortadas e espetadas em estacas, mas eu achava isso lindo - eu faria.

É muito ruim viver dentro de pesadelos. A gente tem que fazer algo com eles.

A coisa com que é mais difícil lidar é com a impunidade. É bom saber que pessoas que são trapaceiras, violentas e estúpidas um dia vão se ferrar, de algum modo que é consequência direta do comportamento delas.

Os traficantes matam policiais às vezes. “Bandidos” às vezes assaltam as pessoas que têm carros. Pit-boys se quebram uns aos outros. Preibóis batem com seus carros nas árvores. A vida aqui é selvagem mas (quase) digna.

Comprei um livro sobre Lampião.

Domingo 10/jun/2007

Foi preciso que as plantas morressem para que

Quarta 30/mai/2007

Teve um dia que eu estava no dentista e ele viu que além das cáries “normais” - que acho que eram sete - eu tinha duas que iam precisar de um tratamento de canal - e eu não tinha dinheiro nem pra pagar aquela consulta, eu ia ter que pedir emprestado pros meus pais e pagar na consulta da semana seguinte...

Eu não queria ir na dentista que era minha dentista desde que eu era criança porque ela ia ficar contando de todos os “garotos” da minha idade que são parentes dela e da minha madrasta (“madrasta”? A mãe da minha meio-irmã por parte de pai, que é 6 anos mais velha que eu) - e todos esses, hm, garotos, estão super bem de vida, viajam pra cá e pra lá, têm carros e mulheres/namoradas/filhos, se casam dando mega-festas (caceta, e eu nem namoro, há três anos atrás a mulher que eu achei que era o homem da minha vida me chutou porque eu era um estudante descabelado e pé-rapado - bom, whatever)

- e aí ela ia contar essas histórias, olhando pra mim com cara de “e você, Eduardo?” e eu ia ficar constrangido, com vergonha de ser quem sou, de boca aberta (“agora abre bem grande”), dizendo “arrã, arrã -”

Terça 29/mai/2007

Ele pechinhou demais, na hora errada. A minha boa vontade foi pro brejo. Ele quebrou o brinquedo.

Segunda 5/mar/2007

São pessoas que se eu for estupro de novo vão dizer que queisso, tudo é lindo, não se apega a sentimentos ruins não.

Minha casa foi invadida por pessoas assim. Tá bom, não tanto; mas alguns amigos de pessoas que eu alojei são assim.

Se o João aparecer aqui de novo eu vou cobrir ele de porrada. Não me interessa se ele vai entender ou não - eu não posso ficar paralisado só porque ele não entende nada.

Ele acha que tudo o que não se parece com as meditações dele é coisa de gente inferior.

Ele é parecido com o meu pai - só que pro meu pai as únicas coisas que existem são as engenhieiras dele e os noticiários e a economia.

Quando o João estiver encurralado num canto apanhando e apanhando talvez ele veja que quando alguma coisa dói nem sempre basta meditar e dizer que que lindo, a dor não existe, nada existe a não ser o infinito amor divino - às vezes é hora de fazer algo de concreto, usando mãos e pernas e braços e cotovelos, protegendo narizes. Talvez um dia, daqui a anos, ele entenda que dor e ódio existem porque a gente também tem que cuidar de um corpo físico que não é uma linda alma imortal perfeita e cheia de luz. E que enquanto ele se cerca dessas pessoas sorridentes e espiritualizadas que nunca dizem algo que é duro e que dói, porque afinal cada um tem o seu processo e a gente não pode interferir (e, fucking amazing, sic: “ninguém diz nada pra ninguém, as pessoas só ouvem e entendem e mudam quando chega a hora de ouvir e entender”) - que na verdade ele está cercado de pessoas omissas.

Eu vi a minha sala cheia daqueles hippieóides beatíficos e sorridentes abençoando a comida de olhos fechados e eu fiquei muito constrangido e angustiado.

No dia seguinte eu passei mal. Prefiro “acreditar” na hipótese mais engraçada que eu consegui arranjar: que eu passei mal porque não abençoei a comida e aí ela não desceu nada bem.

A minha sala estava cheia de mortos-vivos e eu não consegui fazer nada.

RRJ5

Segunda 06/aug/2007

Eu decidi me aproximar e fazer algo - e eu o tempo inteiro pensei: “eu quero ser responsável pelo que estou fazendo; eu vou lidar com as conseqüências e as dificuldades”.

Eu fiz tudo com muita atenção.

Eu olhei muito para a forma, a cor, cada detalhe. Deixei a mente aberta. Cuidei dos galhos e folhas, pudei algumas partes fracas e mortas que seria melhor tirar. Comi algumas das frutas, porque achei que era um modo natural de fazer com que a árvore se misturasse comigo e passasse a ser parte de mim. Mas eu lidei muito pouco com raízes até hoje, e não consigo visualizá-las direito. Eu sabia disso, e talvez a árvore soubesse também. E nós aceitamos o jogo.

Agora os espíritos das raízes vêm me dar tapas nas orelhas. É justo. Mas eu preciso ouvi-los. Preciso que eles falem comigo. E eu preciso que eles me ajudem a abrir minha visão.

Domingo 05/aug/2007

O príncipe encantado é alguém que me entende mesmo quando eu estou paralisado.

Ele sabe lidar com coisas que as pessoas fingem aos gritos que não existem.

Ele corta caminho e avança por cima de convenções mortas e inúteis.

Ele me bate do jeito certo, e me liberta.

RRJ6

Domingo 30/sep/2007

- me:** (isso que eu tou falando tá me ocorrendo agora)
 tá - vou te usar como personagem - eu não assisti a cena, mas acho que eu vou acertar
 um professor tá falando sobre Al Berto e te pede pra ler uma coisa dele em voz alta
 e depois de você ter lido os alunos estão pasmos e enlouquecidos, como o Robespierre e o outro cara depois que o Orfeu e as cabeças cortadas cantaram
 não bastava o texto em si
- Tatiana:** entendi
- me:** quando as pessoas olharam pra você lendo aquilo elas viram verdade um nível de verdade que elas podem passar anos sem lembrar que existe
 todas as associações que elas fazem naquele momento em que você está lendo o Al Berto se conectam
 elas pensam sobre porque você é arredia e calada e séria
 elas pensam sobre os poetas de bar
 elas comparam tudo
 tudo faz sentido
 e o “sentido” usual que elas estão acostumadas a dar às coisas fica tão frágil e patético que elas não conseguem desgrudar a atenção de você
- Tatiana:** eu enxergo isso quando você fala da Anaïs ou de como é intensa aquela gravação do Joy Division, quando a R. finge que não se encantou pelo Vergílio Ferreira, mas por exemplo, até vejo isso no Tião quando ele fala raras coisas sobre o Jorge de Sena.
- me:** sem contar que de repente o silêncio faz sentido também, e as pessoas começam a ver que é muito mais intenso ouvir (e focar no que elas estão vendo e ouvindo, imaginar) do que a performance usual cotidiana delas, o jogo de respostas certas na hora certa, as conversas no corredor, a hierarquia social das Raquéis e Maffeis
 sim - e a impressão que eu tenho é que a gente (talvez esse a gente seja um “a gente” pequeno - nós dois certamente, e algumas outras pessoas) quer, e TEM, que manter contato com essa intensidade, que pra maior parte das pessoas parece enlouquecedora
 nossos bons trabalhos, e até nossas melhores reações cotidianas, gestos, respostas, vêm de nós estarmos conectados com essa energia e com essa verdade

Quarta 5/sep/2007

O que me ficou na cabeça sobre o Thermidor esse tempo todo não foi tanto a história em si, ou a técnica de contá-la - mas eu fiquei me fazendo perguntas a respeito da história como as perguntas que a gente faz a respeito de mitos... por exemplo: o que é a técnica do Orfeu de cantar daquele jeito? O que é que fez com que os mortos cantassem junto com ele? Algumas vezes eu já assisti espetáculos que faziam com que todo o resto ficasse irrelevante; durante meses nada mais do que eu via tinha um décimo da intensidade ou da realidade daquele espetáculo... por exemplo, acho que as três coisas mais fortes que já me aconteceram foram a primeira vez em que eu tomei Daime, a vez que eu tomei LSD, e o show do Iggy Pop... Como é que alguém vira o Iggy Pop? Porque é que 3000 anos depois as pessoas ainda falam de quando o Orfeu desceu ao Hades? Porque é que (pequena forçação de barra aqui) 220 anos depois as pessoas ainda falam de quando Orfeu cantou no depósito de cabeças? Porque é que as pessoas contam essas histórias, e como é que elas evocam a cena original? Qual é o mecanismo? A gente precisa disso.

...e mais outras coisas menores... como é que ele sabe que o brinco vai voltar pra ele? O que é que o Sandman tinha pra oferecer para a Lady Johanna Constantine? Porque é que eles nem precisavam colocar aquilo em palavras? E claro que isso não são questões abstratas pra mim; à medida que eu consigo funcionar melhor dentro de uma certa linguagem que no mundo atual é rara, de um outro nível de percepções e certezas, eu sei que eu vou conseguir me posicionar melhor dentro de situações que viraram grandes pesadelos: a Aline me transformando num monstro canalha que devia rastejar aos pés dela, o meu pai me transformando num não-sei-o-quê, os grupos de engenheiróides com mentalidade de pit-boys com os quais às vezes a gente vai ter que conviver em alguma situação de estudo ou de trabalho.

RRJ7

Domingo 13/jan/2008

Raça de Ferro

Antes não estivesse eu entre os homens da quinta raça,
Mais cedo tivesse morrido ou nascido depois.
Pois agora é a raça de ferro e nunca durante o dia
Cessarão de labutar e penar e nem à noite de se
destruir; e árduas angústias os deuses lhes darão.
Entretanto a esses males bens estarão misturados.
Também esta raça de homens mortais Zeus destruirá,

Encontrei. Depois de anos procurando - está num número do Sandman
desenhado pelo Milo Manara -

“Eu podia tocar o desejo deles como se fosse uma *harpa*”.

Ninguém mais vai me violar. Eu já disse isso pra você. Isso é muito fundo,
está além do que pode ser acessado por negociações, pedidos, ameaças, facadas,
doenças, mortes.

“Então acabou -”

Você já disse isso pra mim. E quando você disse eu fiquei pasmo. Você
perdeu pontos - muitos. Eu achava que nós tínhamos a mesma noção de re-
lacionamentos. Os relacionamentos que interessam estão muito mais fundo do
que as palavras alcançam. Se nós estávamos discutindo palavrinhas - “acabou”,
“não acabou” - então é porque aconteceu algo de muito grave - sei lá, a pessoa
com quem eu me envolvi (que parecia tão sólida) se perdeu -

Eu disse que sexo era complicado. Eu sabia. As pessoas não sabem, em
geral. Elas se perdem - mesmo as pessoas que interessam, que mais ou menos
sabem onde estão e o que fazem. É como LSD tomado a sério. A gente só
sabe que no dia seguinte nós vamos estar num lugar muito diferente - vamos ser
pessoas bem diferentes do que éramos, com outros olhares. E às vezes, com as
pessoas certas, a gente arrisca.

Tem coisas que eu falei, ou fiz, que você já disse que nunca vai perdoar.
Ótimo - porque isso é sinal de que você sabe que não adianta a gente gastar um
monte de energia com pequenas fofuras para mendigar pequenos perdões.

Quando eu era adolescente as pessoas estavam aprendendo a se pegar - e eu
ficava de fora. Você também ficou de fora, por motivos meio diferentes, meio
parecidos com os meus. As meninas tinham o poder de fascinar - como eu
queria que bastasse eu dar mole pras pessoas que me interessavam pra que algo
acontecasse - eu tentei, algumas vezes -

Hoje em dia nós temos temas muito grandes, muito urgentes, e estamos
tentando lidar com eles do modo mais honesto possível.

rrj 25 de julho de 2012 18:36

Quando o ruído passar o jogo (o de verdade) vai poder começar outra vez.
Até lá -

Você já disse - discretamente, mais para si - que gostaria que eu te visse
como um corpo às vezes. Que isso faz falta. Desculpe (você sabe) - o meu corpo
não existe mais, não é mais um corpo - é um instrumento -

HAZ

(Em 11/set/2011 fizemos uma reunião na casa da Mariana com o Paulo Blank pra tentar organizar o que seria a Hazkará pro Smil, que seria no Midrash, em 26/set/2011, das 18:00 às 20:00hs. Num certo momento eu quase desisti de participar, mas acabei topando - desde que além de recitar os trechos incompreensíveis eu também lesse um texto, que eu ainda iria preparar... Em 24/set eu avisei a todos que o texto que eu estava preparando ainda estava *muito* longe de ser algo que pudesse ser usado na cerimônia, que eu não iria nela, e que se virassem sem mim.)

(O texto abaixo é uma das minhas primeiras experiências em escrever algo para ser lido em voz alta - a versão escrita dele talvez seja bem difícil de entender.)

Todo mundo lembra do meu pai como uma pessoa marcante. Ele era engraçado, espirituoso, surpreendente, e frequentemente inconveniente. Isso certamente tinha a ver com uma estratégia de sobrevivência. O meu pai sobreviveu ao holocausto, e num certo momento ele era a única criança do campo. Todos cuidavam dele, todos depositaram as suas esperanças nele, todos prestavam atenção nele, e, mesmo que à distância, todos ficavam imaginando o que ele seria depois. Acho que durante o resto da vida dele quase tudo que ele fazia era uma resposta a milhares de pessoas. Ele passou a vida inteira respondendo tanto aos horrores pelos quais ele passou quanto às pessoas que tentaram protegê-lo dos horrores, deixando ele viver num mundo à parte no campo. Depois ele viveu em outros mundos à parte - fazendo papel de gênio.

Ele me educou da melhor forma que ele pôde, mas isso queria dizer que ele achava que eu tinha que ser forte e brilhante. Ele tinha expectativas altas e me testava o tempo todo. Ele não sabia o que era relaxar. Ele tinha medos muito grandes, era defensivo, mordaz, irônico. Num certo momento eu me toquei de que se eu tinha visto o meu pai falar “a sério” - sem ironia - uma ou duas vezes a cada ano, era muito.

Eu era fresco e mimado porque eu tinha revistas em quadrinhos e brinquedos, vivia com os meus pais numa casa grande, a gente tinha empregados, e eu nunca tinha passado fome. Eu era um burro porque aos 7 anos de idade eu não tinha uma “linguagem acadêmica”. Eu era preguiçoso porque eu nunca tinha pego uma caixa de engraxate pra ganhar o meu próprio dinheiro. Eu era infantil. Esse era o mundo no qual eu vivia antes dos 10 anos de idade. E eu tinha certeza de que todo mundo era assim, como eu, e que eu era incompetente porque eu era medroso e não conseguia nem me livrar dos meus medos nem ter a confiança que os outros garotos tinham.

Meu pai tinha um mecanismo muito difícil de se lidar. Ele nunca assumia o que fazia - aliás ele nunca reparava no que fazia. Ele não tinha um “eu” com o qual ele lidasse lucidamente. Ele só lidava com “verdades” e com “lógica”. Quando ele era agressivo ele nunca notava. E ele sempre tinha razão. Não era “achava que tinha razão”, porque no mundo dele não existiam “achos”. E nós não tínhamos provas científicas e argumentos irrefutáveis de que ele tinha sido agressivo. Aliás, quando nós conseguíamos algum e ele entendia ele dizia que não tinha tido a intenção.

(Eu até hoje tenho medo das pessoas que fazem as coisas sem prestar atenção e que quando fazem algo ruim “não tinham a intenção”. Não sei como reestabe-

lecer um diálogo com elas quando há algum desentendimento. Me sinto muito mais à vontade com gente assumidamente cruel - eu frequentemente sei desarmar pessoas cruéis fazendo algo engraçado, e aí consigo conversar com elas.)

Meu pai foi uma pessoa muito marcante pra mim também. Eu passei a vida inteira me defendendo dele.

Eu me afastei dele - fisicamente - quando pude, mas isso não resolve tudo. Quando a gente está longe de uma pessoa que é importante pra gente aquela pessoa continua com a gente - como memórias, introjetada. Eu tentei me afastar do meu pai tanto fisicamente quanto emocionalmente. Mas o fantasma dele continuava comigo, me assombrando. Me atropelando como um trator. Me dizendo coisas pras quais eu procurava respostas, e não encontrava nenhuma resposta - porque eu precisava de respostas que ele fosse entender, mas a especialidade dele era não entender nada.

Deixa eu mudar de direção aqui - porque eu me sinto um adolescente dizendo essas coisas. Quando a gente é adolescente a culpa de tudo é dos nossos pais. Eu estava tentando escrever isto que eu tou lendo agora e eu via que aqui eu me atolava num lamaçal do qual eu não conseguia sair. Eu queria contar coisas a respeito do meu pai, e não conseguia fazer isso direito.

O que acontecia entre mim e o meu pai era sutil, na verdade. As nossas discussões, e o que ele fazia, tinham uma lógica tão estranha, tão retorcida, que eu não conseguia contar pros outros - era complicado, eu tentava resumir, montar historinhas, mas não funcionava. E como eu não sabia contar pros meus amigos as histórias, aliás não sabia contar elas direito nem pra mim mesmo, eu comecei a esquecer - aliás, comecei a “não registrar”: eu me desligava.

Muito do que a gente faz na vida da gente a gente faz porque está respondendo os nossos pais - dentro da cabeça da gente a gente está sempre está um pouco dialogando com eles, com os pontos de vista e sistemas de referências deles. Quando eu era pequeno eu não queria de jeito nenhum ficar junto com as crianças que brincavam e jogavam futebol - eu ficava no meu canto lendo e tentando construir coisas. Deixa eu ver isso de outro modo agora.

Eu me especializei em afastamentos. É como se a minha frase-chave fosse: “eu não quero isso. Eu não quero isso de jeito nenhum”.

Eu gostava das pessoas esquisitas porque elas tinham uma tolerância maior com histórias estranhas. E os meus pensamentos eram estranhos. Eu evitava andar com as pessoas que eu chamava de “normais” porque toda vez que eu contava, ou deixava escapar, alguma história pesada pra uma dessas pessoas “normais” eu ouvia: “mas agora está tudo bem, não é?” Eu odiava essa mania de “tudo bem”.

Quando eu era bem pequeno eu desprezava as pessoas “normais” e “felizes”, porque eu achava que elas “não sabiam nada”; com uns 10 anos de idade esse meu desprezo já tinha caído por terra. Eu via que essas pessoas conseguiam brincar, viajar, conversar com gente nova, etc - elas faziam muita coisa, porque elas não pensavam 10 vezes antes de fazer cada coisa, como eu.

Durante anos eu tentei montar alguma espécie de “está tudo bem” que fosse resistente o suficiente. Eu queria me misturar com essas pessoas “normais”,

porque eu tinha muito pra aprender com elas. Eu não aguentava mais ser eu, e eu queria mudar. Mas sempre, em alguma hora, esse meu “está tudo bem”, revelava rachaduras, e por trás das rachaduras algo sinistro, algo contagioso, vergonhoso. Eu era uma farsa.

Há uns 5 ou 10 anos aconteceu uma coisa sobre isso. Eu me aproximei da Daniela, minha irmã por parte de mãe, que não está aqui [*Ela disse que não iria na cerimônia*], e descobri que ela SABIA. Ela tinha passado por coisas parecidas com as minhas, mas ela lembrava de histórias, e sabia contá-las (às vezes até de modos bem engraçados). A gente começou a conversar muito um com o outro, e fazer fofocas sobre o nosso pai/padrasto da Transilvânia. Dito assim parece infantil e de mau gosto, mas eu tinha que contar, porque isso foi muito transformador. A gente começou a ter uma linguagem - e só aí eu comecei a ter memória.

A Daniela é a minha memória.

Eu estava escrevendo esse texto e muitas vezes via que eu tinha escrito algo terrivelmente incômodo, e eu pensava, será que eu devo deixar isso? E eu sabia que todo mundo iria me odiar, mas alguma coisa me dizia “não importa”, “vou deixar isso aí”, e eu comecei a pensar sobre esse processo, e descobri -

O meu pai dizia que o Holocausto era tão pior do que qualquer outra coisa que perto dele qualquer outra atrocidade, passada, presente ou futura, perdia a importância. E isso era muito opressor, porque queria dizer que o mundo tinha uma dívida infinita com ele - ele podia fazer qualquer coisa, podia explodir a qualquer hora, pra descarregar coisas que aliás ele nem entendia, e ele seria sempre desculpado. E isso fazia todo o sentido, mas era insuportável.

Eu levei 30 anos pra conseguir lidar abertamente com isso - e foi da seguinte forma: “ele tinha um crédito gigantesco por ter passado pelo que passou. Mas esse crédito não é infinito, e agora, depois de décadas, ele acabou”. E esse corte era algo bem mais pesado do que parece - era algo inadmissível, pra todo mundo. Eu me dispunha a ser considerado um monstro, por ele, pela minha família, pelos amigos dele, talvez até pelos meus amigos - a gente não se recusa a pagar a nossa dívida com a família - a dívida de cuidar de quem cuidava da gente - impunemente. Então eu não pediria mais ajuda a nenhuma dessas pessoas.

Então essa foi uma das situações na minha vida nas quais eu decidi sacrificar a minha respeitabilidade, todo um grupo grande de contatos, toda uma rede social - a rede de proteção que a gente tem por default quando nasce numa certa classe, com um ou dois dos nossos pais sendo judeus -

Na verdade eu só fiz isso porque eu tinha muito pouco pra perder. Pode parecer meio estranho isso da gente se afastar da família “por não ter quase nada pra perder” - e em enterros a

Talvez daqui a alguns anos eu tenha alguma memória confortável dele. Mas por enquanto o que eu tenho é isto.

(Aqui as minhas anotações pro que escrever viram palavras soltas e fragmentos de frases. A palavra recorrente, “monstro”, e ter que me acostumar a ser “monstro”; o que fazer, já que não dá pra parar de ser visto como monstro - solução, a gente é tolerado enquanto a gente é *útil* - uma série de afastamentos - aos 25 anos eu desisti de ser aceito no “mundo dos homens”, e assumi que eu não conseguia distinguir macheza de estupidez - desde bem antes disso eu já tinha questões enormes com o mundo hetero - no meio da década de 90, quando essas coisas ainda não estavam nada na moda (...) - (Desde os 5 anos) Eu não queria ser parecido com os homens - Eu achava um pesadelo ser obrigado a ser duro e sarcástico - Eu não queria tratar os outros como objetos - Eu preferia ter nascido menina)

(Depois algumas anotações sobre como terminar a minha fala. Eu queria forçar as pessoas a pensarem sobre **reação histérica às atrocidades** -)

Agora que ele morreu a gente pode pensar sobre tudo isso: sobre as atrocidades atuais e sobre quem sobrevive a elas; sobre tentar esconder memórias dolorosas embaixo do tapete pra gente conseguir fazer cara de que está tudo bem; e sobre o que a gente pode fazer pra não ser detestado.

HAZ2

Outubro, 2011

Eu vou falar do processo, em várias fases, pelo qual eu passei tentando lidar com tudo isto. Se tudo der certo vocês vão perceber na minha descrição algo de universal.

Quando eu era pequeno eu tentava fazer tudo certo. Eu tentava ser inteligente e engraçado, nunca ser bobo, não errar nunca. Mas não funcionava. Olhando em retrospecto eu queria ser respeitado. Mas se eu vou direto às memórias que eu tenho daquela época eu me lembro de eu chorando *muito*, muito desesperado, depois de ter pronunciado uma palavra com a grafia errada, ou de ter feito um raciocínio ingênuo, ou de não ter previsto algo que depois que aconteceu me pareceu óbvio.

É engraçado, quem me conheceu nessa época lembra de mim como um menino inteligente e curioso - mas as minhas lembranças - e quando eu olho pra mim há 30 anos atrás eu só me vejo de dentro - são de trabalhar feito um louco, o tempo todo, pra algum dia no futuro eu *talvez* poder sentir que estava tudo bem - e poder relaxar. E aí poder ser mais espontâneo, talvez.

Eu lembro da sacação de que a minha melhor chance era ser um gênio quando eu crescesse. E vários anos depois - acho que quando eu tinha uns 12 - a sacação de que o melhor caminho teria a ver com computadores. Isso era um caminho masculino, claro -

Por outro lado, outra lembrança muito fundamental, acho que de quando eu tinha uns 6 ou 7, é da minha turma na Toca do Coelho indo visitar o que seria a sede nova da escola, na Barra, e quase todo mundo brincando lá fora, talvez num monte grande de areia, e enquanto isso eu e uma menina conversávamos numa sala, entre as carteiras - eu detestava sol, aliás - e ela dizendo que preferia ser menino, que os meninos podiam fazer mais coisas, e eu dizendo que eu preferia ser menina - não sei o quanto eu expliquei naquela hora, mas o meu pensamento era claro - as meninas podiam dizer mais coisas, pensar mais coisas, sentir mais coisas, os meninos precisavam ficar batendo uns nos outros pra não serem frescos, e quando a gente é menina isso basta, olham pra gente e a gente é bonita e pronto, não precisa fazer mais nada, está tudo bem, não era como eu, que não podia parar nunca, precisava trabalhar feito um louco pra um dia daí a 20 ou 30 anos talvez ficar tudo bem - e os outros meninos, que brincavam, brigavam e jogavam futebol eram como umas máquinas desmioladas, que também não paravam nunca, mas não pensavam -

Apêndices

Oi - como eu já disse pra alguns de vocês, há um tempo atrás eu tive alguns ataques de inspiração e comecei a ter umas idéias de cenas pra uma peça de teatro de bonecos... o título (que ficou na minha cabeça durante anos sem que eu tivesse a menor idéia do que fazer com ele) é um trocadilho esquisito: os franceses pronunciam títulos de coisas como se os nomes fossem em Francês, e daí “Rambo” acaba soando como “Rimbaud”; como em Português o Rambo II virou “Rambo II - a missão”, daí, bom, o resto é óbvio.

Aviso: isso tudo tá INCRIVELMENTE MAL-ESCRITO! É a primeira vez que eu escrevo cenas de uma história, e quando as inspirações bateram eu resolvi anotar o que vinha vindo do jeito que desse; foi mais ou menos como quando a gente acorda e quer anotar um sonho: se a gente puser o pé no chão antes de começar a anotar as primeiras frases o sonho vai embora.

Eu não tenho a menor pretensão de transformar isso numa peça de verdade - pelo menos não num futuro próximo - mas me bateu a sensação de que eu tinha que pôr essas idéias pra circularem. Então aqui vai o material, leiam ou não, divirtam-se ou se chateiem, distorçam, recortem, copiem, joguem fora, roubem idéias, etc. Claro que eu vou achar ótimo se alguém quiser conversar sobre essa história, mas não quero ficar com expectativas nem pressionar ninguém; quero só fazer o que os deuses mandaram pra ver se depois eu ganho mais inspirações.

(2002)

Rimbaud 0 - Missão Abissínia

Ataque de inspiração No. 1 (23 de outubro de 2002):

A peça começa com dois personagens - atuais - contando que estavam conversando com mais alguém sobre um amigo deles, que gostava de garotinhos; alguém que estava presente disse “urgh”, e aí um deles disse “é, eu até concordo com você, mas eu não expulsaria o Rimbaud da minha cama”... depois disso eles viram que a história do Rimbaud começou a pipocar na cabeça deles com cada vez mais frequência; essa peça é a história desse Rimbaud que foi se criando na imaginação deles, e que não precisa necessariamente ter a ver com o Rimbaud real.

Nisso aparece, no outro canto do palquinho, Rimbaud esperando o navio que vai levá-lo para a Abissínia. O navio se aproxima muuuito lentamente (e é uma noite de lua cheia), e ele enquanto isso escreve coisas num caderno, sobre o que é escrever algo que ninguém mais vai ler; sobre como ele está tentando abandonar uma cabeça cheia de palavras pra pisar no mundo real.

Personagens da peça:

Felipe e Chris, que são os que conversavam sobre Rimbaud.

Rimbaud.

Aooamu, negro, meio animista, meio muçulmano.

Leão (inspirado em Douanier Rousseau).

Outro negro, esse inspirado nas pinturas do Rousseau.

Verlaine e sua mulher.

Rimbaud escreve porque quando ele entra num certo estado as imagens que ele tem são muito mais intensas que o mundo real. Aos poucos ele vê que ele constrói esse mundo com as palavras dele; no início meras fantasias, quase infantis - castelos, torres, mulheres com brilhos nos olhares - mas à medida que ele vai transpondo em palavras o que ele vê certas questões se resolvem, detalhes novos se criam, etc.

É de uma dessas mulheres [que ele encontra nesse mundo imaginário] que ele ganhou o brilho no olho que ele tem - “vou te contar um segredo: esse brilho não vem de algo que você tem, não vem de se olhar no espelho e se achar loura e linda; ele vem de não ter algo, de sentir frio, de algo não fazer sentido, de sentir falta, de esperar alguém pra poder se entregar, pra se esquecer da angústia durante um abraço. O olhar vem por necessidade. O olhar é uma pergunta e uma isca”.

“Sim - caramba. Eu entendo - eu quero - eu preciso. Eu estou disposto a pagar o preço, seja qual for ele. Desculpe, não sei como dizer -” “pss, não se desculpe - se você se desculpar mais uma vez o momento estará perdido. Só você pode saber de onde os seus novos olhos vão vir -”. Pausa. Espera. Movimentos lentos, hesitantes, quase solenes: é uma daquelas poucas situações na vida da gente em que a gente não pode fazer absolutamente nada errado, nem um mínimo gesto. Rimbaud começa a procurar, e a pensar onde procurar, em voz alta. Não é no chão, não é na lua, não é na árvore. Não é na poça de

lama. Não é no reflexo da lua. Não é dentro de mim. Não são os seus olhos. Não é um animal (o leão do Rousseau tinha aparecido silenciosamente detrás de um monte de areia perto da torre e observava a cena). Olha a mulher de novo. “Posso?” - muito hesitantemente, se aproxima, e começa a abrir o vestido dela, que se arqueia um pouco para trás; Rimbaud se acocora, tira um dos seus olhos. Abre o vestido. Seus novos olhos estão nos bicos dos seios dela. Ele põe os olhos novos, bem mais brilhantes; talvez ele jogue um dos antigos pro leão. A mulher diz: “nós nos veremos de novo”. Rimbaud: “espere! Eu preciso perguntar uma coisa. Eu vou ser tão bonito quanto você?” “Você vai entender.” Ela fecha os olhos dele, e vai embora.

Quando ele a encontra de novo ela é a mulher do Verlaine. Ele nunca consegue olhar pra ela direito de novo, porque ela parece saber tudo, e em silêncio. E Rimbaud nunca entende a sua dureza.

Verlaine vê em Rimbaud uma maravilha, e uma oportunidade para experimentar o caos, tanto das suas próprias emoções como dos seus atos - ir numa sinuca do porto, tomar porres, puxar briga, gastar todo o dinheiro, ver a lua nascer por um reflexo numa poça de água com óleo na frente de uma garagem de motos - e ele deitado, com a cara na poça.

Ter Rimbaud perto é um privilégio incrível, uma redenção, e ao mesmo tempo é viver na beira do abismo; ele pode perder Rimbaud a qualquer momento, e ele nem entende direito o que é que o toca tanto quando Rimbaud está por perto, o que é real ou imaginário, o que é sério, belo, ou ridículo.

Rimbaud: “Eu me lembro de uma noite em especial - é uma das minhas memórias mais preciosas. Estávamos na casa de uma amiga, que tinha ido viajar (a cena vai se transformando na casa da amiga; a janela ao fundo mostra o Cristo Redentor). Nós tomamos absinto como se fosse ácido - LSD. Ficamos olhando um vaso de flores como se fosse uma televisão. Ficamos abraçados no sofá durante horas. Eu não gostava do cheiro dele, do Verlaine - ele me lembrava o cheiro de alguém que procura emprego nos classificados do jornal, de roupas mal lavadas, de cigarros, de muita energia desperdiçada tentando parecer ocupado - tentando escapar dos olhares dos outros criando uma imagem medíocre e comum. E ele era gordo, meio peludo, velho. 40 anos - eu tinha 17. É engraçado, eu tenho 30 e tantos agora, e tenho vergonha de considerar alguém de 40 como velho. Mas talvez o que conte sejam os anos passados sentado na frente da televisão, fazendo pilhas de garrafas de cerveja vazias, enquanto a sua mulher cuida das coisas da cozinha. O silêncio entre os dois é que me intriga e me assusta...”

“Mas voltando, como eu queria ser a mulher do Verlaine - uma vida de pratos e detergentes, esperando o Verlaine, que não vem - e nós estávamos no sofá, e era tão mágico, porque não importava se os cheiros dele eram bons ou ruins, não havia mais julgamentos, e ele me tocava de um jeito que eu nunca mais consegui deixar ninguém me tocar, e era como se não houvesse mais tempo, como se todas as realidades se misturassem, como se ele estivesse me ensinando a chegar num mundo que era tão intenso quanto o meu mundo das palavras, e era através do corpo... e no fim, quando o sol estava quase nascendo, ele deixou umas gotas dentro de mim - toda vez que eu me lembro delas é como se fossem

pedras preciosas que ele me deu de presente, e que elas estão a salvo - são as únicas memórias que eu tenho que são realmente minhas, que eu tenho certeza de que eu não roubei de ninguém, e que ninguém vai conseguir me tirar.”

“Mas nós nunca conseguimos repetir isso. Eu nunca mais vi esse Verlaine, que era tão puramente mágico, e imaterial. Em todas as outras vezes eles parecia cercado de uma nuvem de horrores e mediocridades, que o rodeavam como urubus. Um dos meus medos é de ter roubado a força dele pra mim - e isso por acidente. Eu achava que as lembranças dessa noite iriam deixar nós dois mais fortes, mas não. Verlaine definhava, e ia virando cada vez um mero fiapo de si mesmo, preso num invólucro de carne malcheirosa, de apartamentos de paredes cinzas de nicotina, de obrigações sociais que o obrigavam ao silêncio.”

“Eu me sentia responsável.”

“Eu me sentia *amaldiçoado*.”

Vai até a janela da casa do Verlaine. Ele e a mulher do Verlaine se tocam através do vidro, como se um fosse o reflexo do outro.

“Toda vez que eu escrevo um poema algumas das frases são ambíguas - e quando alguém lê um poema meu, ou até quando eu o releio um ano depois, essas frases ambíguas perderam o sentido, e não é possível sequer perguntar o que elas queriam dizer... a poesia é uma forma de comunicação sem resposta, em que a mensagem não chega até o outro lado... é como mandar um pedido de socorro num papel dentro de uma garrafa, mas esquecer de fechar a garrafa, e o papel ir sendo comido por insetos, ou se dissolvendo... e eu não aguento mais, eu comecei com poesia porque eu precisava de mundos e de caminhos” - (a torre e o caminho aparecem, balançantes, no fundo do palco) - “e agora o que eu tenho são só Verlaines se dissolvendo. Eu não aguento mais.”

Fragmentos escritos em 28 de outubro de 2002:

O tio do Ooamu morre louco. Em outras épocas os tocadores de tambor da tribo ainda saberiam como reintegrar alguém que enlouquece, mas agora não, nós só sabemos olhar para um louco como está perdido para sempre, inatingível - e o louco olha pra nós como pessoas que eram como ele, que o entendiam, e que agora não entendem mais, e e nunca vão entender. Esses abismos entre pessoas não existiam, e vieram com o domínio francês.

Um cortejo passa com o morto numa rede. Música, mas poucas vozes além disso. Rimbaud pensa no que fazer e só lhe ocorrem poemas - inúteis. Ele se sente pobre por não ter um abraço pra dar.

Antes disso deve ter tido uma cena em que o Rimbaud está se arrastando pelas bordas de um vilarejo, doente, com fome e com sede; há dias ele não come nada. Ele tinha se isolado dentro dos seus pensamentos e não queria chegar perto de ninguém. Numa hora ele afinal pede socorro batendo à porta de uma casinha, e é socorrido imediatamente sem que lhe perguntem nada; só depois que ele está totalmente recuperado começam a lhe pedir que ajude em uma tarefa aqui e outra ali, mas com uma leveza que pro Rimbaud é algo de outro planeta. Ele não vê como se livrar das suas desconfianças e da sua rigidez.

Rimbaud e Ooamu se encontram pela primeira vez numa cena onírica em que passa um grupo com vários seres dançando - pessoas, o leão do Rousseau,

e outras criaturas que eu ainda não bolei. O Ooamu fica curioso pelo jeito do Rimbaud ficar parado e se aproxima dele e faz algumas perguntas. A conversa deles é cheia de longos silêncios.

Ataque de inspiração No. 2 (11 de novembro de 2002):

Sobre porque ele começou a traficar armas:

Num mundo em que as pessoas perderam a sensibilidade, a única coisa que realmente importa é a morte

Os meus biógrafos dirão: “e ele tinha uma esposa africana, muito bonita” - ninguém se perguntará: “mas que relação é essa?” - Ela se comportava como esposa, sim; ela parecia servil, sim; mas isso é apenas uma casca vazia - porque o recheio é outro, e está em outro lugar. (Rimbaud e a esposa agora falam em uníssono; a entonação deve lembrar os coros do teatro Nô) “Porque nós éramos estranhos em nossa própria terra - porque nós olhávamos para o que ninguém mais via - porque sempre nos disseram que não tínhamos os pés no chão - porque nós vivemos num mundo de imbecis - porque nem os nossos corpos poderiam nos proporcionar alguma paz ou satisfação; porque somos sempre inquietos, como os tubarões, que precisam nadar o tempo todo sem descanso, pra não afundar - porque vemos o futuro, o apodrecimento dos nossos corpos, o apodrecimento das nossas palavras, pernas amputadas, velhices malcheirosas, e umas poucas pessoas que ainda vão gostar de nós vão estar gostando de imagens que não têm nada a ver com o que realmente somos.

Nós estamos juntos porque nós somos um, e somos exatamente iguais. Porque vemos o mundo do mesmo modo. O universo é uma bola que cabe dentro da nossa cabeça. (Tiram de dentro de uma caixa um balão preto com pontos brancos, como estrelas. O balão nem é muito grande; é meio vazio, aliás. Cantam:) “Ground control to Major Tom / Ground control to Major Tom” (talvez toda a parte principal do “Space Oddity”, do David Bowie).

Felipe/Chris: Esse Rimbaud é uma parte importante de nós, mas ele nos assusta.

Rimbaud: Eu crio, cento e tantos anos no futuro, personagens que me entendam e que vivam num mundo diferente; talvez eles consigam me apontar uma saída.

F/C: À medida que ele envelhece ele deixa de ser o gênio hipersensível e passa a ser um monstro de amargura. Ele se fecha em si mesmo, e os caminhos que ele traça para si não têm saída. Ele mergulha no próprio umbigo, e o que é pior, o que ele encontra é muito mais intenso e convincente do que o que está do lado de fora. Nós vivemos nos esfalfando pra conseguir migalhas de contato com pessoas e com o mundo exterior. Essas migalhas são pequenas e banais, mas elas nos alimentam. Esse Rimbaud se envenena com essas atitudes, e nos envenena. Nós gostaríamos de extirpá-lo de nós, como se ele fosse um câncer.

R: Eles são amargos e cruéis. Eles não hesitam em descartar uma pessoa que se torna inconveniente. Eles não hesitam em tachar alguém como louco, e depois disso passam a se lembrar dessa pessoa como alguém que já morreu.

F/C: Como aquelas namoradas que agem como se tivessem direito a tudo e nos massacram. Aquelas que se vêem como vítimas da sociedade.

De: **Requiem**
(Anna Akhmátova)

Epígrafe

Não, não foi sob outro firmamento,
Nem sob a proteção de asas estranhas:
Estive então entre meu povo,
Lá onde meu povo, infelizmente, estava.
(1961)

Em lugar de prefácio

Nos anos terríveis da ejóvchina passei 17 meses nas filas da prisão de Leningrado.

Uma vez alguém me “identificou”. Então uma mulher de lábios azuis que estava atrás de mim e que nunca, é claro, ouvira o meu nome, despertou do torpor peculiar a todos nós e me perguntou no ouvido (lá todos sussurravam):

- E isso você é capaz de contar?

E eu disse:

- Sou.

Então algo como um sorriso passou por aquilo que outrora foi seu rosto.

(1º de abril de 1957. Leningrado.)

1.

Levaram-te ao amanhecer,
Atrás de ti, como no enterro, eu ia,
No quarto escuro, choravam os meninos.
Acabava-se a vela sobre o altar.
Nos lábios teus, do ícone, o frio.
O suor mortal na testa... Não dá para esquecer!
Como as mulheres dos franco-atiradores,
Uivarei pelas torres do Kremlin.
(1935. Moscou.)

7. Verdicto

E a palavra de pedra caiu
Em meu peito ainda vivo.
Não é nada, já estava preparada.
Darei um jeito, de qualquer maneira.

Hoje, tenho muito que fazer:
É preciso acabar com o eco da memória,
É preciso que a alma se transforme em pedra,
É preciso reaprender a viver.

Se não... O quente farfalhar do estio,
Uma festa, atrás do meu postigo.
Há tempo pressentira esse
Dia claro e a casa vazia.
(22 de junho de 1939)

Sleeper In Metropolis

(Anne Clark)

As a sleeper in metropolis
You are insignificance
Dreams become entangled in the system

Environment moves over the sleeper:
Conditioned air
Conditions sedated breathing
The sensation of viscose sheets on naked flesh
Soft and warm
But lonesome in the blackened ocean of night

Confined in the helpless safety of desires and dreams
We fight our insignificance
The harder we fight
The higher the wall

Outside the cancerous city spreads
Like an illness
Its symptoms
In cars that cruise to inevitable destinations
Tailed by the silent spotlights
Of society created paranoia

No alternative could grow
Where love cannot take root
No shadows will replace
The warmth of your contact

Love is dead in metropolis
All contact through glove or partition
What a waste
The City -
A wasting disease

The Hollow Men

(T. S. Eliot)

*Mistah Kurtz - he dead.
A penny for the Old Guy*

I

We are the hollow men
We are the stuffed men
Leaning together
Headpiece filled with straw. Alas!
Our dried voices, when
We whisper together
Are quiet and meaningless
As wind in dry grass
Or rats' feet over broken glass
In our dry cellar

Shape without form, shade without colour,
Paralysed force, gesture without motion;

Those who have crossed
With direct eyes, to death's other Kingdom
Remember us - if at all - not as lost
Violent souls, but only
As the hollow men
The stuffed men.

II

Eyes I dare not meet in dreams
In death's dream kingdom
These do not appear:
There, the eyes are
Sunlight on a broken column
There, is a tree swinging
And voices are
In the wind's singing
More distant and more solemn
Than a fading star.

Let me be no nearer
In death's dream kingdom
Let me also wear
Such deliberate disguises

Rat's coat, crowskin, crossed staves
 In a field
 Behaving as the wind behaves
 No nearer -

Not that final meeting
 In the twilight kingdom

III

This is the dead land
 This is cactus land
 Here the stone images
 Are raised, here they receive
 The supplication of a dead man's hand
 Under the twinkle of a fading star.

Is it like this
 In death's other kingdom
 Waking alone
 At the hour when we are
 Trembling with tenderness
 Lips that would kiss
 Form prayers to broken stone.

IV

The eyes are not here
 There are no eyes here
 In this valley of dying stars
 In this hollow valley
 This broken jaw of our lost kingdoms

In this last of meeting places
 We grope together
 And avoid speech
 Gathered on this beach of the tumid river

Sightless, unless
 The eyes reappear
 As the perpetual star
 Multifoliate rose
 Of death's twilight kingdom
 The hope only
 Of empty men.

V

*Here we go round the prickly pear
Prickly pear prickly pear
Here we go round the prickly pear
At five o'clock in the morning.*

Between the idea
And the reality
Between the motion
And the act
Falls the Shadow
For Thine is the Kingdom

Between the conception
And the creation
Between the emotion
And the response
Falls the Shadow
Life is very long

Between the desire
And the spasm
Between the potency
And the existence
Between the essence
And the descent
Falls the Shadow
For Thine is the Kingdom

For Thine is
Life is
For Thine is the

*This is the way the world ends
This is the way the world ends
This is the way the world ends
Not with a bang but a whimper.*

Hay for the Horses

(Gary Snyder)

He had driven half the night
From far down San Joaquin
Through Mariposa, up the
Dangerous Mountain roads,
And pulled in at eight a.m.
With his big truckload of hay
 behind the barn.
With winch and ropes and hooks
We stacked the bales up clean
To splintery redwood rafters
High in the dark, flecks of alfalfa
Whirling through shingle-cracks of light,
Itch of haydust in the
 sweaty shirt and shoes.
At lunchtime under Black oak
Out in the hot corral,
—The old mare nosing lunchpails,
Grasshoppers crackling in the weeds—
“I’m sixty-eight” he said,
“I first bucked hay when I was seventeen.
I thought, that day I started,
I sure would hate to do this all my life.
And dammit, that’s just what
I’ve gone and done.”

De: **Thermidor**
(Neil Gaiman)

- J:** Monsieur Robespierre...
Even now it is not too late.
You can let me go. I will take what I came for and leave France, and never bother you again.
- J:** Remember this: that I offered you one last chance to let the matter die.
- R:** Mademoiselle, your attempts to threaten me are laughable, and pathetic.
- J:** Very well, Citizen. This is the head of Orpheus. Ripped from his living body by the Bacchante. They used their bare hands.
The Women of the Frenzy...
- J:** They threw his head into the Hebrus, and it is said that it still called the name of his lost one as it floated down to the sea.
This is the head of Orpheus, who bested death, and who now cannot die.
- R:** Do you take us for peasants, Johanna?
The myths are dead. The gods are dead. The ghosts and ghouls and phantoms are dead.
There is only the State, and the People.
- J:** No, Monsieur Robespierre.
There is much more than that.
- R:** Enough of this nonsense.
Henri – bring me that head.
- J:** (covering her ears:)
Now. Messire Orpheus.
Sing to them.
- J:** (*as if narrated afterwards - written in a page of a diary*)
My ears were covered, but I could not entirely obliterate the sound the head made, as its began its song. Although I possess a Modicum of Greek, the most part of the words it used were unfamiliar to me.
Still, by what Means or Mechanism I cannot say, I found myself deriving some Measure of Sense from its chanting. The head sang first of Blood, of the baying, senseless cries of the Mob; of the Anger of Women and Men; of the Worm that devours its own Flesh.
- J:** (*again, as in a page of diary, not in a balloon*)
Then it sang of Freedom, of Liberty of Love. And as it sang, I gasped in dumbfoundment, for other voices were also raised in jagged Unison. Discordant Voices, Harsh Voices, the Voices of the Dead; and my friend (for so I now bethought him) no longer sang Alone.
- J:** (*again, as in a page of diary, not in a balloon*)
The Ghastly Chorus sang of those who lead; of those who, by Virtue or Circumstance, are Raised above the Crowd; who manipulate the commonality will-they or nil-they, as a Puppet-master tugs on the Strings of a

Marionette, or a Romany Traveller pulls the leash of his Dancing Bear. It sang of a dream – and of the Ending of the Dream.

- J:** (*again, as in a page of diary, not in a balloon*)
I am not able to conceive what it must have been like to hear that song unprotected. M. St.-J--- and M. R---, and their Manservant, stood and listened like Statues, like Men Entranced.
- J:** (*again, as in a page of diary, not in a balloon*)
After what seemed an Age, the Song ceased; and still they stood there.
- J:** (*again, as in a page of diary, not in a balloon*)
And taking what I had come for, I left that Place.
- J:** (*balloon; knocking down a guard with a punch on the back of the head:*)
My apologies, sir.

[Johanna Constantine left Paris shortly after dawn on that day, 8th Thermidor, Year II.]

[On the 9th Thermidor, Louis-Antoine St.-Just, the great orator, faltered during his speech before the communal convention, and fell silent.]

[Maximilien Robespierre, the most powerful man in France, then attempted to speak. Until that point he had been listened to with awe, or fear, or silence.]

[Now, for the first time, he found himself laughed at, and, also for the first time, he was lost for words.]

[That night he and his faction were deposed and arrested, and during the arrest Robespierre was shot in the jaw. Or perhaps he fumbled a suicide attempt. The truth here is a matter of conjecture.]

[It is, however, a matter of record that the next day, his shattered jaw bound by a paper bandage, he watched St.-Just step up, silently, to the guillotine.]

[And it is also a matter of record that, in the end, Monsieur Sanson, the executioner, ripped off the paper bandage that held his jaw together.]

[And that Robespierre's final wordless scream of pain was cut off, with his head, by the fall of the weighted blade.]

[The Terror died with him.]

De: **Orpheus**
(Neil Gaiman)

- P:** Thou hast made the Furies weep, Orpheus. This is unheard of.
- H:** A nice offer, but pointless. Thou does not belong here, mortal.
- O:** Give me my bride and I will leave this place.
- P:** Thou hast made the Furies cry, Orpheus. They will never forgive you for that.
- H:** Thou art disrupting my perfectly-ordered world, Orpheus.
So be it. But there are conditions. There are rules.
There are always rules.

De: **Ramadan**
(Neil Gaiman)

- C:** Look around you, Dream King.
What do you see?
- S:** I see a remarkable place.
- C:** Indeed – it is a land of miracles.
- C:** Will you buy it from me?
- S:** I have no desire to be king of any mortal land.
- C:** No...
You misunderstand me.
- C:** This is the greatest city that Allah, may he be praised from the rising of the sun in the morning to the setting of the sun in the evening, and also in the nighttime, and in the hours before dawn, has seen fit with which to bless the world.
And this is the perfect age.
- S:** So?
- C:** How long can it last? How long will people remember?
- C:** I have seen the world, Dream King.
- C:** I have ridden through the deserts, and seen the rocks and old walls and statues breathed up by the desert wind in the empty wastes of sand;
- C:** “and then the wind and the sand come up once more and the remnants of cities and palaces and gods vanish for another age of man, forgotten and unremembered...”
- C:** This is as good as it’s going to be, isn’t it?
- S:** It may be so...
- C:** ...but Allah alone knows all. Indeed.
- C:** I am Haroun Ibn Mohammed Ibn Ali Ben Abdullah Ibn Abbas, Caliph of Baghdad. I propose to give you this city. My city. I submit that you purchase it from me: take it into dreams.
- S:** And in exchange?
- C:** In exchange I want it never to die. To live forever. Can you do this thing?
- S:** After a fashion, I can.
- C:** And what needs to happen to make it so? Is there some spell you must perform? Is there a quest I must go on, to some far country? Is there some grand deed?
- S:** No.
- S:** All you need to do is tell your people. They follow you, after all.
And yours is the dream.
- C:** Very well.

- C:** Hear me, my people! I, your Caliph, Haroun Al Raschid, of the Hashimi bloodline, proclaim on this day, in this place, that I have given the Golden Age of Baghdad, of Araby, to this one who stands by my side.
- C:** It is his forever...
- C:** ...providing that as long as mankind lasts...
- C:** ...our world is not forgotten.
- B:** But what happened to Haround Al Raschid? Or to the old city of Baghdad? Or to...
- E:** Hold, little one. Do you have another coin?
- B:** ...no.
- E:** Any more cigarettes?
- B:** No.
- E:** Then I think I have spoken enough for today. If you are here tomorrow, then perhaps I will tell you more.
Go home, boy. These are bad times, and your mother will be worrying.
- B:** But how did it work? The bargain? How could the city last?
- E:** Go home.

[His question unanswered, Hassan stumbled homeward, picking his way in a series of child's shortcuts across the bomb sites and the rubble of Baghdad.]

[And, though his stomach hurts (for fasting is easy, this Ramadan, and food is hard to come by) his head is held high and his eyes are bright.]

[For behind his eyes are towers and jewels and Djinn, carpets and rings and wild afreets, kings and princes and cities of brass.]

[And he prays as he walks (cursing his one weak leg the while), prays to Allah (who made all things) that somewhere, in the darkness of dreams, abides the other Baghdad (that can never die), and the other egg of the phoenix.]

[But Allah alone knows all.]

De: **Um sonho de mil gatos**
(Neil Gaiman)

- OG:** Tsss! É hoje!
- GP:** O quê?
- OG:** Ela está aqui. Você vem? Deve ser divertido.
- GP:** Não sei como sair. Não posso atravessar nenhuma das aberturas na parede.
- OG:** Lá em cima tem um buraco meio aberto. Você pode sair por ele.
- OG:** Mexa essa cauda, pequenina. Não podemos perder essa.
- OG:** Ohh! Está sentindo isso, criança? É o chamado da noite! Corra, corra!
- GP:** Espere por mim. Espere por mim, por favor!
- GP:** Como será que ela é?
- OG:** Quem sabe? Não é um gato comum.
- TG:** Bem-vindos, andarilhos da noite.
- GP:** Olá. Estamos indo vê-la.
- TG:** Eu também, embora não acredite muito nela...
- OG:** Então por que está aqui?
- TG:** Hummpf. Curiosidade, talvez.
- GP:** Eu quero saber o que ela tem a dizer.
- OG:** Todos nós queremos, jovem. Todos nós.
- GA:** Irmãs... Irmãos... Boa caçada.
Obrigada por virem me escutar; por sua disposição em ouvir minha mensagem.
E espero que quando eu terminar, alguns de vocês possam compartilhar de meu sonho.
- GA:** Nem sempre fui como vocês me vêem hoje.
Um dia, muitos ontens atrás, eu, e muitos de vocês, servíamos aos seres humanos, vivendo no mundo deles: diversão, posse e brinquedo.
- GA:** Eu me iludia... como talvez, muitos de vocês se iludem... que tinha controle de minha vida.
Afiml, eles me alimentavam... me davam conforto e calor.
- GA:** E o que eu dava em troca? Alguma afeição, talvez. Minha presença.
Na verdade, era pouco pelo que eles ofereciam.
- GA:** Ele era um gato de rua.
- GA:** Orelha rasgada.
Olhos negros.
Era minha época de amar. Ele foi o meu escolhido.
- GA:** Nosso prazer um pelo outro, e a consumação de nossa fome mútua, foi urrada aos céus, e gritada aos arcos do firmamento.
- GA:** Ele era forte e rápido. Suas garras e dentes eram afiados como o inverno.

Nunca o vi outra vez. Mas jamais o esqueci.

- GA:** No tempo certo, nosso prazer trouxe frutos, uma maravilhosa combinação dos traços de nós dois.
Eu antecipava o entusiasmo de como os ensinaria sobre a vida...
Os prazeres de se lavar, de caçar, de sobreviver.
Eles me sussurravam sua felicidade: por tomar carne de minha linhagem, provar o ar e o leite. Eles murmuravam sua crença no futuro.
- GA:** Meus humanos, entretanto, não compartilhavam de nossa alegria.
- H:** Você sabia que ela estava no cio! Droga! Por que não a prendeu?
- M:** Pare de reclamar, Paul! Eles não são uma gracinha?
- H:** Gracinha? Ela é uma Siamês “Blue Point” legítima.
Estas bolinhas de pêlo não valem porcaria nenhuma.
- GF:** miip.
- GA:** Eu os senti de longe, na escuridão, enquanto a água fria os levava...
Eu os senti se debaterem e arranharem cegamente... me chamando, em seu pânico e medo.
- GA:** E então eles se foram.
- GA:** Foi só então que descobri o quanto estava enganada. Que éramos subordinados. E, enquanto vivêssemos com os humanos, não poderíamos nos considerar livres.
E eu rezei.
- H:** Pelo amor de Deus, Marion! Ela nem sabe o que aconteceu... Olha só!
Ela deve estar até aliviada!
A coitada é quase um filhote ainda. Ela não ia aguentar...
- M:** Você tem razão, Paul. Mas, mesmo assim, eu me sinto... meio culpada.
- GA:** Rezei para a escuridão. Para a noite.
Rezei para o Rei dos Gatos, o emissário da raça na Terra, aquele que anda entre nós e não o conhecemos.
Eu rezei...
- GA:** E sonhei.
- A:** Por que se aventurou até o coração do Sonhar, pequena gata?
Não há nada aqui para você.
- GA:** Vim em busca de justiça; vim pela revelação; vim pela sabedoria.
- GA:** O pássaro voou mais baixo. Mas não ao meu alcance.
“Justiça?”, ele repetiu. “Justiça é uma ilusão que você não encontrará nesta ou em qualquer outra esfera.”
“Sabedoria?” Ela não faz parte do Sonhar, ágil andarilha, embora os sonhos sejam uma parcela das experiências de cada vida, que é a única sabedoria que importa.
- A:** Mas revelação?
Esta é a província do sonho.
Ela pode ser sua... mas apenas se seu coração for forte.

- A:** Vê aquela montanha? Lá existe uma caverna onde vive o misterioso Gato dos Sonhos, o regente desse mundo adormecido.
Procure-o. Mas cuidado. O caminho até a caverna é difícil. E muito pode acontecer a uma pequena gata.
- GA:** Todos os lugares são iguais para mim. Encontrarei a caverna e minhas respostas.
Não tenho medo.
- A:** Então boa sorte, filha.
[Deixei o deserto de ossos e comecei a longa jornada para o lar do gato dos sonhos.]
[Atravessei a floresta dos fantasmas, onde os mortos e perdidos sussurravam continuamente, prometendo-me mundos se eu parasse para brincar com eles.]
[Fechei meus ouvidos às suas lamúrias.]
[Num certo momento pensei ter ouvido meus filhos me chamando, mas ergui minha cauda e continuei em frente.]
[Caminhei através de lugares frios e gelados, onde cada passo era dor, cada movimento, um tormento.]
[Mas eu continuei.]
[Cruzei a umidade que amorteceu minhas patas e encharcou meu pêlo, tentando lavar minhas memórias.]
[Atravessei a escuridão e o vácuo, onde tudo o que faz de mim o que sou me foi sugado.]
[Mas mesmo no vazio do puro nada, sem saber mais por que estava andando ou o que buscava, eu continuei em frente.]
[Então, depois de algum tempo, saí daquele lugar e meu ser voltou a mim: eu estava na montanha do Gato dos Sonhos.]
[Vi a caverna e seus guardiões e disse a eles, “vim para falar com o Gato dos Sonhos”.]
- GR:** Por que deixaríamos você entrar, pequeninha?
Uma pequena bocada, e a maioria pele e osso.
- CA:** Por que o Senhor dos Sonhos deveria ser perturbado por alguém como você?
- GR:** E então? Responda.
O Senhor dos Sonhos ficará furioso se for molestado sem um bom motivo.
- GA:** Vim de muito longe para voltar agora, Grifo.
Anunciarei minhas intenções ao Senhor dos Sonhos, e somente a ele.
Sou uma gata, e mantenho meu intento.
- DR:** Entre, então, gatinha.
Mas esteja prevenida: sonhos têm seu preço.
[E assim, eu prossegui.]

[O aroma no ar era estranho, mas ainda era felino.]

[Cada sentido meu gritava para que eu fugisse dali, mas, com o pêlo eriçado e as garras preparadas, caminhei vagarosamente para dentro.

E então parei diante dele.]

GA: Estou aqui.

GS: E quem seria você?

GA: Uma gata. Uma andarilha noturna. Um corvo morto me mandou aqui, em busca de revelação.

[Tentei parecer confiante, mas, na verdade, estava apavorada.]

GS: Venha comigo, então, pequena irmã, e diga porque me procurou.

GA: Eu... eu quero entender.

Por que eles puderam tirar os meus filhos de mim? Por que vivemos dessa forma? Eu não compreendo.

GS: Dizem que apenas um Rei pode olhar um gato de frente.

Olhe dentro dos meus olhos, pequena irmã.

Olhe dentro dos meus olhos.

[E assim ele me mostrou a verdade, exatamente como estou contando-a a vocês agora.]

[Naqueles olhos eu vi imagens. E nas imagens eu vi a verdade.]

GS: Todos os gatos podem ver futuros e ecos do passado. Podemos assistir à passagem de criaturas da infinitude do agora, de todos os mundos fracionalmente diferentes do nosso.

Nós seguimos coisas espectrais com os olhos. E os humanos nada vêem.

[Mas a realidade que o Gato dos Sonhos me mostrou transcendia tudo que eu já imaginara.]

[Muitas estações atrás, os gatos governavam o mundo.]

[Éramos maiores então, e este mundo foi criado para nosso prazer. Nós andávamos à vontade, tomando o que queríamos.]

[Naquela época, os humanos eram criaturas pequenas, menores do que somos hoje.]

[Os humanos nos tratavam, nos alimentavam e nos acariciavam.]

[E, quando a lua ficava cheia, nós os perseguíamos e comíamos alguns deles. Mas preferíamos a caça...]

[...pois eles eram presas mais deliciosas que os pássaros; e, naqueles tempos, os ratos eram pequenos e insignificantes demais para o nosso prazer.]

[Ah! Dias alegres aqueles... caçar sob a Lua dos Gatos. O Jogo do Gato e do Homem...]

[Prrrrrr.]

[Então, um humano surgiu entre eles. Um macho de pêlos dourados. Nascido e criado nos jardins idílicos de uma das damas felinas sibaritas.]

[O humano teve um sonho, uma inspiração. Ele caminhou entre seus semelhantes e disse...]

- H:** Sonhem! Sonhos moldam o mundo.
Sonhos recriam o mundo, todas as noites.
- H:** Não sonhem o mundo como ele é agora, dominado por nossos senhores felinos.
Sonhem um novo mundo. Sonhem um mundo de seres humanos. Sonhem um mundo em que nós somos os senhores, em que nós somos os reis e rainhas e os deuses.
Sonhem um mundo no qual não mais seremos caçados e mortos por gatos.
- H:** Não sei quantos humanos serão precisos, mas temos que fazer isso!
Muitos de nós sonharemos, então acontecerá.
Sonhos moldam o mundo.

[E a Palavra se espalhou entre os humanos.]

[E alguns deles acreditaram e sonharam.]

[E, por algum tempo, nada aconteceu.]

[Uma noite, porém, o bastante deles sonhou. Não foram precisos muitos.]

[Mil, talvez. Não mais.]

[Eles sonharam...]

[E, no dia seguinte, as coisas mudaram.]

[Os humanos ficaram enormes, tornaram-se a espécie dominante; e os gatos, presas deles, dos cães, e de suas máquinas de metal.]

[Presas para o mundo que os humanos criaram.]

[Tudo isso eu vi quando olhei dentro do olhos do Gato dos Sonhos.]

- GA:** Então, eles sonharam o mundo como ele é hoje?
- GS:** Não exatamente.
- GS:** Eles sonharam o mundo da forma que ele sempre foi, pequenina.
Nunca houve um mundo de damas-gatos e lordes-gatos.
Eles mudaram o Universo desde o início de tudo, até o final dos tempos.
- GS:** Você compreende agora?
- GA:** Sim. Sim, entendo.
- GS:** Então você já sabe qual será sua tarefa. Sabe o fardo que deverá carregar.
Você é forte o bastante?
- GA:** Sim. Espero que sim.
- GS:** Então desperte, criança. Com minha bênção.
- GA:** Entendam: eu vi o outro lado do que ele me havia dado.
- GA:** Se eles puderam sonhar...
- GA:** Nós também podemos trazer as coisas de volta. Se acreditarmos. Se sonharmos.
- GA:** Dizem que nós somos os sonhos da raça carniceira... e talvez seja verdade.

Mas, se o bastante de nós sonhar...
Se apenas mil de nós sonharmos...

- GA:** ...poderemos mudar o mundo.
- GA:** Nós podemos sonhá-lo de novo! Um mundo em que ninguém sofrerá com a malícia humana, no qual nenhum gato será morto pelo capricho dos homens.
Um mundo em que nós mandaremos.
- GA:** Deixei os humanos naquele mesmo dia para espalhar as boas novas.
- GA:** E agora eu viajo de um lugar a outro.
Andei léguas sem medida. Passei fome, às vezes; fui ferida. Mas prossegui minha caminhada.
Numa máquina de metal, eu cruzei as águas frias.
- GA:** Levei a Palavra a gatos solitários e ferozes em lugares isolados.
- GA:** Gritei às estrelas minha mensagem do alto de telhados e a sussurrei aos gatos moribundos nos becos.
- GA:** Conteí isso tudo a muitos gatos. E, aonde quer que eu vá, minha mensagem é a mesma...
Sonhem!
- GA:** Sonhem o mundo. Não esta sombra pálida da realidade. Sonhem o mundo como ele realmente é.
Um mundo em que todos os gatos são reis e rainhas da criação.
Esta é minha mensagem.
- GA:** Eu continuarei andando, e repetindo-a, até morrer.
Ou até que mil gatos ouçam minhas palavras, e acreditem nelas, e sonhem...
- GA:** ...para voltarmos ao paraíso.